

# ENTRE ÁGUAS UMA CRUZ

*Um projeto de paisagem para a  
Cruz do Patrão - Recife Antigo/PE*

*GABRIEL VELOSO CARDOZO*

GABRIEL VELOSO CARDOZO

**ENTRE ÁGUAS, UMA CRUZ:**  
**um projeto de paisagem para a Cruz do Patrão - Recife Antigo/PE**

Trabalho de conclusão de curso, apresentado ao Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Arquiteto e Urbanista.

Orientador: Profa. Dra. Onilda Gomes Bezerra

Coorientador: Prof. Arq. Luiz Goes Vieira

Recife

2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Cardozo, Gabriel Veloso.

ENTRE ÁGUAS, UMA CRUZ: um projeto de paisagem para a Cruz do  
Patrão - Recife Antigo/PE / Gabriel Veloso Cardozo. - Recife, 2024.

110 p. : il., tab.

Orientador(a): Onilda Gomes Bezerra

Coorientador(a): Luiz Goes Vieira

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de  
Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Arquitetura e Urbanismo -  
Bacharelado, 2024.

Inclui referências, apêndices, anexos.

1. Cruz do Patrão. 2. Arquitetura da Paisagem. 3. Monumento histórico. 4.  
Sistema de espaços livres públicos. I. Bezerra, Onilda Gomes. (Orientação). II.  
Vieira, Luiz Goes. (Coorientação). IV. Título.

710 CDD (22.ed.)

ENTRE ÁGUAS, UMA CRUZ:  
um projeto de paisagem para a  
Cruz do Patrão - Recife Antigo/PE

Trabalho de conclusão de curso, apresentado ao Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Arquiteto e Urbanista.

Discente: Gabriel Veloso Cardozo  
Orientador: Profa. Dra. Onilda Gomes Bezerra  
Coorientador: Prof. Arq. Luiz Goes Vieira

Recife  
2024

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a meus pais, Elisa e Fernando, pelo amor e confiança que me trouxeram até aqui. Nada seria sem vocês.

Com carinho agradeço a Bruna, que comigo adentrou o continente dos frágeis, e quem me faz acreditar, a despeito de tudo - speak to me until your history's no mystery to me.

Ao meu amigo irmão Thiago, pela presença e guia, pelas discussões e deambulações diárias. Ao meu amigo Rubens, artífice do espaço. Sem os quais, este trabalho não seria possível.

Por fim, agradeço profundamente à minha orientadora Onilda Bezerra por aceitar dividir esta jornada. Agradeço imensamente a meu coorientador Luiz Vieira, como também seus companheiros profissionais Kassia Torres e Rodrigo Lago, sob os quais aprendi e aprendo profundamente.

Dedico este trabalho a Alexandra Pizarnik, Jards Macalé e Wong Kar Wai.

# LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Cruz do Patrão ao entardecer	19
Figura 2: “PLANTA DO PROJECTO DE FORTEFICAÇÃO DA VILLA DO RECIFE DE PERNAMBUCO”	20
Figura 3: “Planta e plano da villa de Santo Antônio do Recife Pernambuco”	22
Figura 4: Evolução Urbana no istmo	23
Figura 5: “Planta da Cidade do Recife e arredores” de 1906	25
Figura 6: Construção do molhe no istmo de Olinda	25
Figura 7: “Planta da Cidade do Recife e arredores”	26
Figura 8: Planta de expansão do Porto do Recife	27
Figura 9: Sistemas de paisagem do Parque Capibaribe	34
Figura 10: Localização da área de estudo	41
Figura 11: Mapa de setorização conceitual da ilha do Recife	43
Figura 12: Mapa de cheios e vazios e cobertura vegetal	44
Figura 13: Mapa de usos do Bairro do Recife	45
Figura 14: Mapa de fluxos passivos	47
Figura 15: Mapa de fluxos ativos	48
Figura 16: Mapa do sistema de espaços livres presentes na ilha	49

Figura 17: Mapa mental de diretrizes para intervenção	53
Figura 18: Mapa de diretrizes propostas	54
Figura 19: Mapa de diretrizes expandidas	55
Figura 20: Vista 1: Área externa próxima ao forte do Brum	57
Figura 21: Vista 2: Acesso Rua Dr Ascânio Peixoto	57
Figura 22: Vista 3: Ponte do Limoeiro	58
Figura 23: Vista 4: Panorama do entorno	58
Figura 24: Vista 5: A Cruz a partir do rio	59
Figura 25: Vista 5: A Cruz ao entardecer	59
Figura 26: Vista 6: Trecho do porto	60
Figura 27: Vista 7: Trecho do porto	60
Figura 28: Vista 8: Trecho do porto	61
Figura 29: Perfil de via proposto	61
Figura 30: Planta baixa da via proposta	62
Figura 31: Isométrica da via proposta	63
Figura 32: Acesso sul do MuBE	64
Figura 33: Acesso sul e oeste do MuBE	65
Figura 34: Monumento outono silencioso	65

Figura 35: Entrada do memorial e aproximação do recinto final	60	Figura 53: CORTE F	88
Figura 36: Vistas do Cais	66	Figura 54: CORTE G	88
Figura 37: Vistas do parque	67	Figura 55: CORTE I	88
Figura 38: Levantamento aerofotogramétrico	69	Figura 56: Perspectiva	90
Figura 39: Processo conceitual	70	Figura 57: Perspectiva	92
Figura 40: Processo conceitual	71	Figura 58: Perspectiva	94
Figura 41: Perspectiva conceitual	73	Figura 59: Perspectiva	96
Figura 42: Planta de situação	74	Figura 60: Perspectiva	97
Figura 43: Planta baixa	76	Figura 61: Perspectiva	98
Figura 44: Planta de vegetação e materiais	78	Figura 62: Perspectiva	100
Figura 45: Quadro de vegetação	80	Figura 63: Perspectiva	101
Figura 46: Quadro de materiais	81	Figura 64: Perspectiva	102
Figura 47: CORTE A	82	Figura 65: Perspectiva	103
Figura 48: CORTE B	82	Figura 66: Perspectiva	104
Figura 49: CORTE C	84	Figura 67: Perspectiva	105
Figura 50: Referência conceitual: Elemento Chadar	85	Figura 68: Perspectiva	106
Figura 51: CORTE D	86		
Figura 52: CORTE E	86		

*“You pile up associations the way you pile up bricks.  
Memory itself is a form of architecture” (Louise  
Bourgeois, 2000)*

*“Você empilha associações da forma que empilha  
tijolos. A memória em si é uma forma de arquitetura”  
(Tradução livre do autor)*

## RESUMO

O presente trabalho situa-se no campo dos estudos da paisagem, especialmente no entendimento da paisagem enquanto projeto. Nossa premissa é de que não há uma paisagem cristalizada, estática e inalterável. Com base nisso, construímos esse projeto sobre a Cruz do Patrão e seu entorno (Bairro do Recife - PE). Tendo como problema de pesquisa: “quais as históricas e narrativas sobre a Cruz do Patrão e como isso se insere no seu sistema de paisagem e no contexto amplo do Bairro e da cidade do Recife?”, traçamos como objetivo geral: intervir na paisagem da área da Cruz do Patrão, bairro do Recife Antigo, com vistas a visibilidade desse bem patrimonial histórico, parte da memória coletiva do Recife. Já os objetivos específicos são: cartografar aspectos da paisagem e das vivências históricas da área de intervenção; entender a relação do espaço livre onde se assenta a Cruz do Patrão com a paisagem urbana local e sua dinâmica socioespacial e ambiental; desenvolver uma proposta de intervenção paisagística que integre a área da Cruz do Patrão com a paisagem local. Com base nas teorias de Besse (2014), Choay (2001) e Andrade (2012, 2013) e Veras (2018), traçamos o conceito de paisagem, além da perspectiva histórica do monumento e refletimos sobre os desdobramentos do projeto.

Palavras-chave: Cruz do Patrão. Arquitetura da Paisagem. Monumento histórico. Espaço público. Sistema de espaços livres públicos.

## ABSTRACT

The present work is located amongst the field of landscape studies, especially through the understanding of landscape as a project. Our main argument relies on the notion that there is no crystalized, static nor unaltered landscape. Based on this prerogative, we have built the present project about Cruz do Patrão and its surroundings (old Recife neighborhood). Having posed the research question: “what are the stories and narratives regarding Cruz do Patrão? and how do they relate to its landscape units and also the neighborhood’s context, as well as the city’s, as a whole?”, we settled as our main goal to intervene in the landscape of Cruz do Patrão, old Recife neighborhood, considering the visibility and deep heritage values, a valuable part of Recife’s collective memory. We also aim to chart certain aspects of the landscape and its historical venturings; to understand the relation between the free space where the Cruz do patrão is located, with the local urban landscape and its socio spatial and environmental dynamics; at last, we try to develop a landscape intervention proposal which integrates Cruz do Patrão with the local landscape. Based on Besse (2014), Choay (2001), Andrade (2012, 2013) and Veras (2018), we delineate the concept of landscape, beyond the historical perspective of the monument, reflecting on the further developments of the project.

Keywords: Cruz do Patrão, Landscape design, Heritage sites, Open spaces

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>14</b>
<b>CAPÍTULO II:</b>	
2.1. UM MONUMENTO ENTRE ÁGUAS	<b>18</b>
2.2. DE NORTE A SUL: Interesses sociais-econômicos-políticos nos planos e projetos para o Bairro do Recife.	<b>28</b>
2.3 A PAISAGEM	<b>35</b>
O MONUMENTO PATRIMONIAL	
E OS ESPAÇOS LIVRES	
2.4 CONTEXTO URBANO DA PAISAGEM	<b>38</b>
<b>CAPÍTULO III:</b>	
3.1 Diretrizes projetuais	<b>50</b>
3.2 Referências projetuais	<b>63</b>
<b>CAPÍTULO IV: Descortinando o passado – o Cais da Memória</b>	<b>69</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>110</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>111</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>113</b>

## **CAPÍTULO I**

### **INTRODUÇÃO**

O presente trabalho situa-se no campo dos estudos da paisagem, especialmente no entendimento da paisagem enquanto projeto. Sua premissa é de que não há uma paisagem cristalizada, estática e inalterável. No entanto, na chave da ação projetual para a paisagem, faz-se necessário adensar elementos históricos, sociais, técnicos, estéticos e éticos (CHOAY, 2001).

Com base nessa premissa, construímos esse projeto sobre a Cruz do Patrão e seu entorno (Bairro do Recife - PE). O interesse em tal monumento se deu a partir da observação da ausência de políticas públicas para o espaço, principalmente para promoção de vida cotidiana em seu locus, na ocasião da construção de um trabalho de graduação para o curso de Bacharelado em Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo da UFPE. Passei a investigar, na ocasião, elementos históricos da

construção e reforma do Bairro do Recife, de forma ampla, e as disputas que engendraram sua vida e morte. A circularidade do centro, ficou evidente, passou por inúmeras disputas político-sociais que configuraram os usos e funções de seus equipamentos de forma desequilibrada entre seus setores. Se, em dado momento, a parte sul da ilha ganhou forte impulso turístico-artístico, a parte norte ficou esquecida entre os galpões do porto, que hoje está em vias de desativação.

Quando olhamos o pano de fundo do valor histórico da Cruz, percebemos que sua função como referência para navegação no século XVII, marco de chegada em Recife e Olinda, foi perdendo-se na medida em que se reconfiguravam os caminhos e limites cartográficos entre essas cidades irmãs. A ela, a partir de então, foram atribuídos outros valores simbólicos, espirituais, mitológicos, fantásticos. O medo e o ressentimento, primeiro do período escravocrata do Brasil; depois, dos maus agouros, chegadas e partidas do porto. A Cruz tornou-se, então, um testemunho do que fora; seu valor patrimonial está atrelado ao motivo de sua instalação e, também, as narrativas e histórias que a sucedem.

Por isso, também, me comove e incomoda a perspectiva do esquecimento ativo - proposital, em alguma medida - e do abandono desta área. Em algum momento, o porto e a cidade deram as costas para esse espaço - assim como fizeram para o cão sem plumas. Propor novas miradas para esse espaço, é parte de um desejo de lutar contra certa política do esquecimento, que age sobre o que desejamos lembrar ou esquecer.

Neste trabalho, portanto, passo a compreender o monumento da Cruz do Patrão como um “catalisador no processo de invenção de novas configurações espaciais” (Choay, 2001, p.198), nesse caso, para a parte norte do Bairro do Recife. Para dar continuidade a esses estudos, desenvolvi questões norteadoras, que serviram como problemas para pesquisa, a saber: como funcionou o processo histórico de criação/implementação do monumento da Cruz do Patrão no espaço em que está inserido? Quais seus usos históricos e sua função para o Bairro do Recife? Esta função permanece cristalizada ou modificou-se com o tempo? Como se

configura o seu sistema de paisagem? Há, de fato, um reordenamento desigual entre as reformas do Bairro do Recife? Se sim, em que medida isso contribuiu para o abandono e ausência de projetos para o monumento da Cruz do Patrão? Em suma, o interesse desta pesquisa, pode ser sintetizado na questão: quais as históricas e narrativas sobre a Cruz do Patrão e como isso se insere no seu sistema de paisagem e no contexto amplo do Bairro e da cidade do Recife?

A partir desta provocação materializada, tracei como objetivo geral intervir na paisagem da área da Cruz do Patrão, bairro do Recife Antigo, com vistas a visibilidade desse bem patrimonial histórico, parte da memória coletiva do Recife. Já os objetivos específicos são: cartografar aspectos da paisagem e das vivências históricas da área de intervenção; entender a relação do espaço livre onde se assenta a Cruz do Patrão com a paisagem urbana local e sua dinâmica socioespacial e ambiental; desenvolver uma proposta de intervenção paisagística que integre a área da Cruz do Patrão com a paisagem local.

Sendo assim, o presente estudo toma forma sob a análise do potencial paisagístico do objeto em questão, investigando seu estado atual de subutilização e esquecimento, constatando-se a necessidade da integração do marco aos sistemas de paisagem da ilha. Para tanto, pretende-se desenvolver um estudo conceitual, buscando formas de trazer a efervescência de fluxos e usos presentes na porção sul da ilha – especialmente durante os fins de semana – também para o norte; reintroduzindo à experiência cotidiana as frentes d'água desconectadas - o que este exercício denomina de (des)cortinar - através da sugestão de formas de integração destes sistemas de paisagem isolados.

A partir destes objetivos delineados procurou-se aprofundar a compreensão do objeto por meio de duas chaves: o diagnóstico do território ao longo do tempo, relacionado às dinâmicas socioculturais que se desenvolveram nesta trama urbana e entendendo o sítio como palimpsesto de fragmentos temporais que constituem o *genius loci*, ou espírito do lugar; e a compreensão da paisagem por meio da

porta do projeto, considerando a tríade: solo ocupado, território e meio vivo.

Desta maneira, a presente investigação prosseguiu a partir das seguintes etapas de desenvolvimento: Etapa 01 - Levantamento de dados historiográficos, documental e iconográficos sobre a constituição do monumento, sua localização ao longo da evolução espacial do antigo istmo entre Olinda e Recife, utilizando-se o acervo da Fundaj (Fundação Joaquim Nabuco), Fundarpe (Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco) e MCR (Museu da Cidade do Recife). Etapa 02 - Investigação nas bases de dados digitais da Prefeitura do Recife (base cartográfica do ESIG), utilizados na análise e elaboração de mapas diagnósticos, junto a levantamentos fotogramétricos do sítio para compreender as especificidades do lugar quanto à história da ocupação urbana e em relação ao sistema de espaços livres presentes na trama urbana atual para o desenvolvimento do estudo. Etapa 03 - Desenvolvimento de diretrizes projetuais em macroescala a partir dos diagnósticos obtidos, buscando-se a integração espacial do recorte estudado com a paisagem local do bairro. Etapa 04 - Desenvolvimento de diretrizes específicas para estudo da proposta de intervenção na área do entorno da Cruz do Patrão balizada nas atuais abordagens teórico-conceituais para o estudo da paisagem.

Assim, no que se refere a divisão deste trabalho, apresento, após este primeiro de introdução, um capítulo de contextualização histórica, conceitual e metológica (Capítulo II), onde abordo a história do monumento e dos projetos de reforma para o bairro do Recife, além do entendimento do conceito de paisagem, principalmente nas teorias de Besse (2014), Choay (2001) e no relato de Andrade (2012, 2013). No terceiro capítulo, apresento uma proposta de conexão para os equipamentos e espaços que se inserem no locus do Bairro do Recife. O quarto capítulo trata-se do projeto para o parque em sí, apresentando o conceito e partido. Por fim, trago um quinto capítulo com as considerações finais desse trabalho.

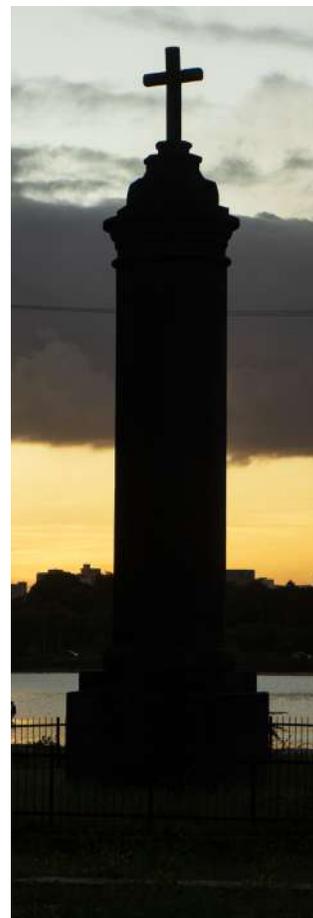
## CAPÍTULO II

### DE ISTMO A ILHA

### DO CENTRO A MARGEM

#### 2.1 UM MONUMENTO ENTRE ÁGUAS

A paisagem compreendida como ilha do Recife, Bairro do Recife ou “Recife Antigo”, núcleo formativo do que entendemos como a cidade do Recife é uma das parcelas de território recifense que foi continuamente ocupada desde o tempo da colonização Portuguesa. Fruto da necessidade de sua cidade irmã Olinda em estabelecer um complexo portuário, já que esta tinha a costa marcada por ventos dominantes que dificultavam o atracamento de embarcações, desenvolve-se ali no sul do antigo istmo (porção territorial que conectava a península ao continente) uma vila de pescadores e posteriormente o estabelecimento dos mascates, que ocupam o entorno da igreja erguida em homenagem a São Frei Pedro Gonçalves, protetor dos homens que viviam no mar. Surge assim a povoação dos Arrecifes, protegida pela faixa de arenito calcário e coral, paralela ao litoral, constituindo um porto natural no encontro da foz dos rios Capibaribe, Beberibe, Tejipió e Jiquiá, que juntos com o rio Jordão e Pina conformam a bacia do Pina, também denominado estuário comum do Recife.



[01] Cruz do Patrão ao entardecer.

Fonte: Acervo do autor (2023).

Nesta baía entulhada (CASTRO, 1948) temos o desenvolvimento da paisagem do Recife, “uma totalidade atravessada por dialéticas internas e externas” (BESSE, 2014, p.44) onde a relação entre o que era água e mar, e o que era terra e vila mudou radicalmente conforme as pessoas se apropriaram deste território, modificando-o apesar da natureza, desde as variações das margens do mar e dos rios Capibaribe e Beberibe por cheias e aterros (MENEZES, 1988), até a própria artialização posterior deste lugar como ilha, resultado do desmembramento do istmo, agora atravessado por um canal, ocasionando no desligamento da conexão com Olinda (VIEIRA, 2008)

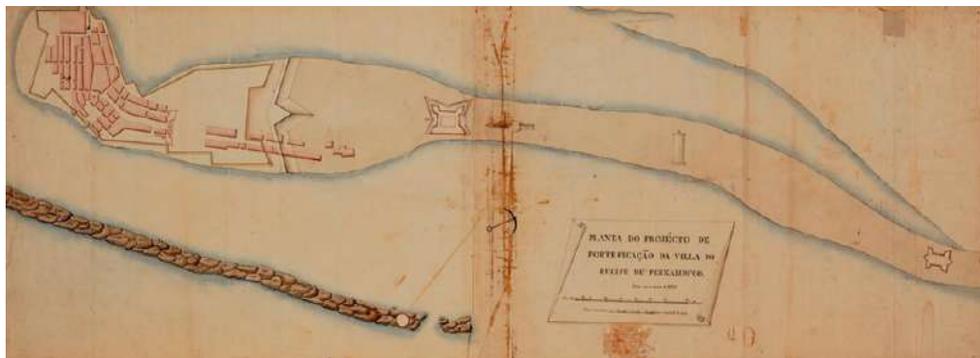
Estes inúmeros processos geraram vestígios, testemunhos de tempos passados entre as camadas do palimpsesto que compõem o *genius loci* da ilha do Recife, decorrendo na produção de uma paisagem onde tornou-se possível um olhar peculiar sobre a sobreposição dos tempos que alicerçam esta trama urbana.

Um destes vestígios que nos permitem um olhar sobre essa composição de retalhos é um monumento conhecido por Cruz do Patrão, que encontra-se hoje na parte norte do Bairro do Recife próxima do acesso ao complexo portuário em um terreno que possui uma área de 6.849,74 m<sup>2</sup> pertencente à União.

O acesso ao local é atualmente realizado a partir da Rua Ascânio Peixoto, adjacente à entrada Porto.

Limita-se a oeste pelo rio Beberibe, por onde persiste a possibilidade de acesso, que já fora também possível por um passeio ao longo das margens do rio a partir da Ponte Limoeiro, fechado nos dias de hoje. O monumento é composto por uma coluna dórica que foi enegrecida pela pátina e maresia ao longo do tempo. Sua estrutura é construída em alvenaria, com revestimento em argamassa de cimento de diversas épocas. No topo da coluna, destaca-se uma pinha facetada, e acima desta encontra-se uma cruz esculpida em pedra calcária, contendo a inscrição INRI (Iesus Nazarenus Rex Iudeorum, ou Jesus Nazareno, o Rei dos Judeus). Ao redor, há uma pavimentação em pedra portuguesa, delimitada por um gradil de ferro. (SILVA, 2012).

Desde o ancoradouro externo - onde ficavam os navios maiores que não passavam na calha - até o ancoradouro interno - por onde só passavam os navios menores para entrar e não bater no banco inglês - um grande trecho onde há um empedramento e areia, fatores que podem encalhar o navio - eles tiveram que fazer um assinalamento com madeira, que depois foi transformado em uma cruz (ASSIS, 2012 p. 36).



[02] "PLANTA DO PROJECTO DE FORTEFICAÇÃO DA VILLA DO RECIFE DE PERNAMBUCO"

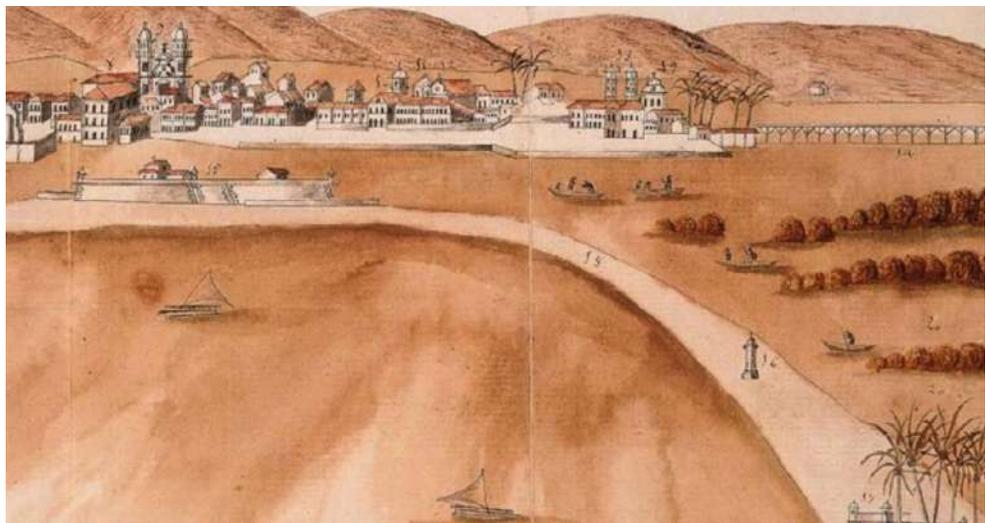
Fonte: Diogo da Silveira Velloso.(1739).

A implantação da Cruz remonta à segunda metade do século XVIII, tornando-o um dos monumentos mais antigos do Recife, quando o acesso à cidade era feito através de três entradas marítimas, sendo elas a barra grande, a barra pequena e a barreta, esta última uma pequena abertura em frente a bacia do Pina. A necessidade de orientação para adentrar a barra grande, principal entrada para o porto, deu origem a uma cruz de madeira que passou a funcionar como guia para navegação de rumo à distância, hábito europeu da época (ASSIS, 2012). Este monumento tinha a função de ponto de balizamento para a entrada de navios no ancoradouro interno do porto através de seu alinhamento com a torre da igreja de Santo Amaro das Salinas, marcando a relação deste com a conformação de porto natural do Arrecife dos Navios, porta de entrada em torno da qual teve origem a cidade (ANDRADE, 2012, p.42). Por conta de sua função e necessidade de melhor visibilidade, no local da cruz de madeira, fora então edificada acima de uma base e coluna de alvenaria com um capitel coroadado por uma cruz esculpida em pedra.

No Recife, o navegador que queria entrar com o barco no porto precisava apontar a proa da navegação na direção da cruz, cruzando o referencial com a torre da igreja de Santo Amaro das Salinas, que ficava do outro lado do rio Beberibe, em Santo Amaro (ASSIS, 2012 p. 36).

Nomeada Cruz do Patrão em referência ao "Patrão-mor" do porto do recife, título do administrador colonial à época, documentos históricos referenciam a localização da Cruz como no centro do istmo.

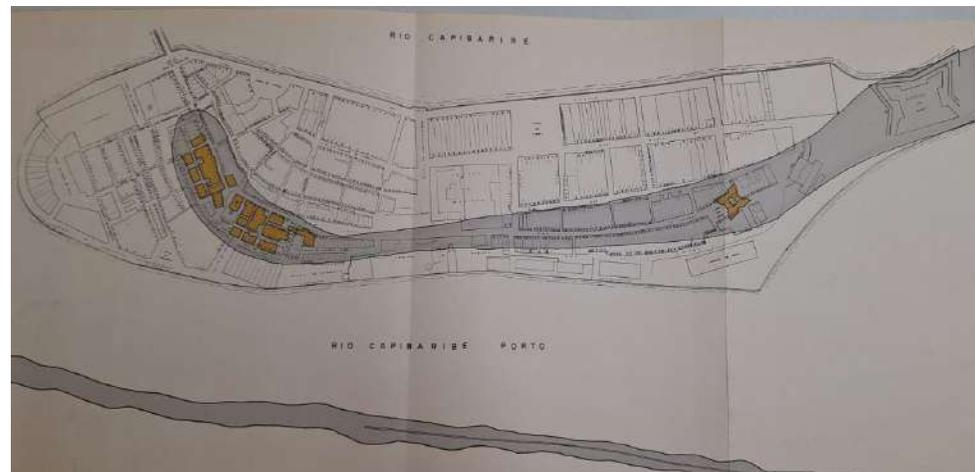
O monumento pode ser observado na parte inferior direita numa gravura produzida pelo padre José Caetano em 1759 [3] representando o ponto de vista do antigo forte do Buraco, localizado na parte norte do istmo, em direção a Cruz, a fortaleza do Brum e a vila do Recife.



[03] “Planta e plano da villa de Santo Antônio do Recife Pernambuco”

Fonte: Produzido pelo padre José Caetano, 1759. Original manuscrito do Arquivo Histórico do exército, Rio de Janeiro.

É possível observar sua proximidade a ambas as margens do antigo istmo, documentando a mudança da configuração territorial por meio de aterros ao longo do tempo, em especial na expansão do porto durante o século XX (MENEZES, 1988). A variação das margens também é documentada na planta topo hidrográfica do porto do Recife datada de 1848, realizada pelo Capitão Tenente Elizário Antônio dos Santos e pelo engenheiro José Mamede Alvez Ferreira, onde constata-se que a margem chegou até a base da Cruz no século XIX, acarretando na construção de um muro de arrimo de 2 metros de profundidade após este levantamento, identificado em escavação arqueológica solicitada pela comunidade negra do Recife, então realizada em 2005 pela Universidade Federal de Pernambuco junto à Prefeitura do Recife, com o objetivo de realizar o resgate histórico deste monumento (RAMOS, 2008). Mapas anteriores ao levantamento topo hidrográfico documentam



[04] Evolução Urbana no istmo. (1631)

Fonte: Atlas histórico cartográfico do Recife - José Luiz da Mota Menezes (1988)

A função de navegação do monumento em consonância a importância econômica do porto do Recife dos séculos XVII a XIX promoveram amplamente o conhecimento do ponto de referência no imaginário dos navegantes. Para se adentrar no porto do Recife, haveria de se conhecer o caminho de entrada, geralmente anotado em “derroteiros”, como eram conhecidas as anotações anexadas aos mapas. Assim, o monumento figura como um dos únicos senão o único exemplar do tipo no Brasil, de importância singular por ser um monumento náutico que se torna internacional pelo Recife ser área de primeiro contato de embarcações com o continente (MENEZES, 1988). Por conta deste caráter de primeiro contato também desempenhou um papel simbólico de marco de posse e julgo da coroa Portuguesa sob essas terras.

Para entrar no porto do Recife, os navegadores avistavam a Cruz do Patrão e aguardavam alinhamento com a torre da igreja de Santo Amaro das Salinas, situada por trás do Rio Beberibe. Neste momento, podiam seguir perpendicularmente em direção à barra que entravam seguramente no porto. Esta atividade repetida várias vezes diariamente durante séculos, estava intimamente ligada ao ato de posse do território colonial. Nela verificam-se os elementos primários que estabeleciam o domínio português: o mar e o navegador, o porto, e nele um representante da autoridade régia, o patrão-mor da ribeira e a Igreja. (CATARINO, 2005)

O marco sustenta o valor imaterial de sinalização náutica até o início do século XX, quando as reformas resultantes de um primeiro plano apresentado pelo engenheiro Alfredo Lisboa em 1887, tem início em 1911, com a abertura da então avenida do Porto, que hoje leva o nome do engenheiro, expandindo o istmo por meio de aterros e então, modificando a localização da Cruz do centro para a margem, alterando fundamentalmente a relação desta com a paisagem do porto e seu caráter de “porta” da cidade.

As ampliações no porto do Recife durante o século XX, assim como a intensiva reforma de “haussmanização” na porção sul do bairro produziram significativas transformações na paisagem da área, a cada aterramento de mar ou banco de areia adicionavam-se camadas a mais ao palimpsesto que compreendia o istmo, hoje ilha. Na “Planta da Cidade do Recife e arredores” de Douglas Fox e H. Michell Whitley produzida em 1906 [05] é possível observar, apesar de aterros, o caráter ainda natural do desenho das margens. A partir da construção do molhe de Olinda [06], iniciada em 1910 na altura da Fortaleza do Buraco, decorre o início do processo de desmembramento da faixa de terra que uniu um dia a vila de Olinda ao Porto do Recife.

Por conta de alterações no leito marinho provocadas pela nova configuração geográfica, é relatado em meados de 1912 um avanço do mar sob a faixa territorial



[05] “Planta da Cidade do Recife e arredores” de 1906. Destaque adicionado pelo autor: Localização da Igreja de Santo Amaro das Salinas

Fonte: Douglas Fox, 1906



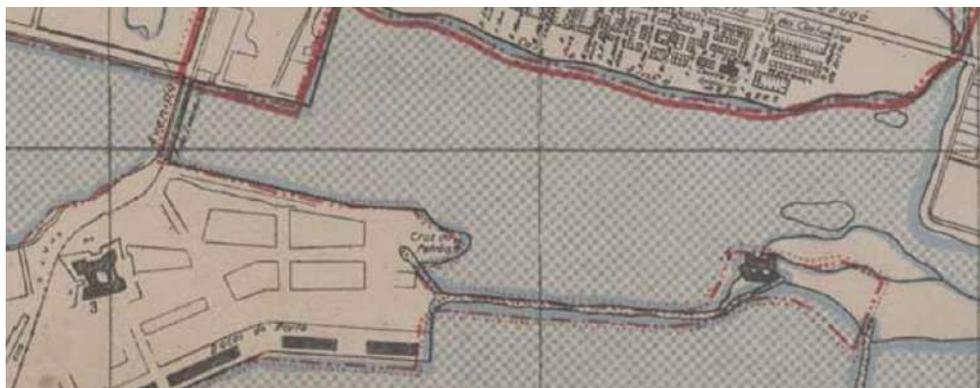
[06] Construção do molhe no istmo de Olinda.

Fonte: D. Du Bocage, 1910

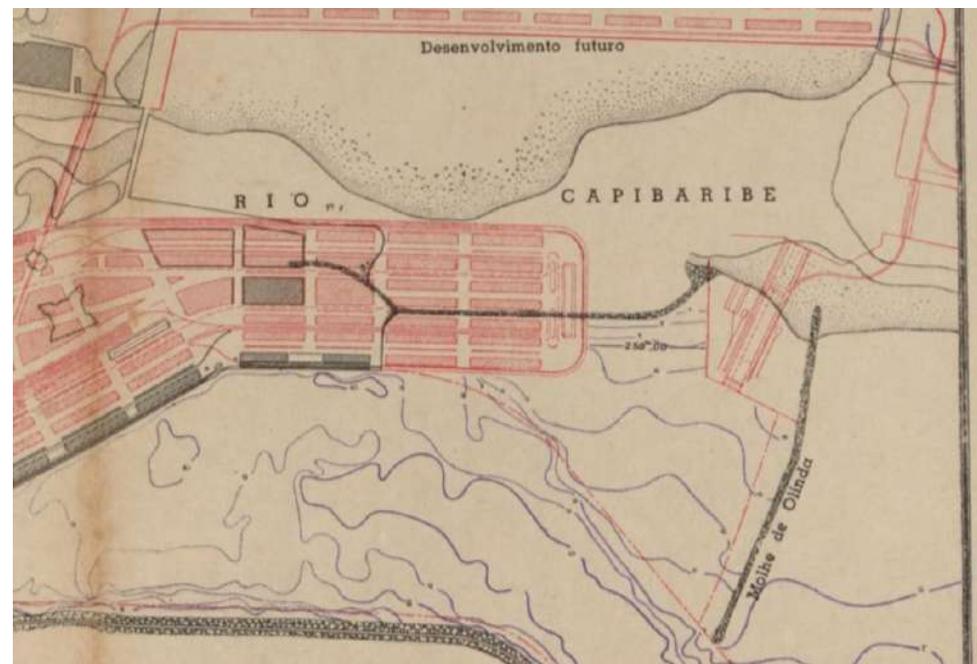
causando a ruptura do istmo, abrindo uma fenda e ocasionando na conexão do rio ao mar. Por conta deste evento, origina-se a ideia de converter a bacia do rio Beberibe em uma vasta doca comercial, conectada ao anteporto e para tal fez-se necessária a remoção do enrocamento de proteção exterior ao istmo [07], este que deu lugar ao canal hoje existente, assim artializando o bairro do Recife como ilha.

(...) Seu nome: Cruz do Patrão, chamada assim por ter sido levantada pelo patrão-mór do porto do Recife (...) Ficava sobre o istmo de Olinda, à margem esquerda do rio Beberibe. Não mais existindo o istmo, o endereço agora é outro. Fica por trás dos depósitos pertencentes às companhias de petróleo, nas imediações do Terminal Açucareiro do IAA, no bairro do Recife (...) (RABELLO, 1978 apud LIRA, 2014).

Como consequência do profundo processo de transformações no território do istmo decorrentes das obras do Porto do Recife e da Base Naval durante o século XX há uma mudança significativa no entendimento da paisagem cultural do porto e da porta setentrional da cidade.



[07] “Planta da Cidade do Recife e arredores”  
Fonte: Domingos Ferreira (1932)



[08] Planta de expansão do Porto do Recife.  
Fonte: Arquivo Nacional (1939)

E assim, Recife parecia virar as costas para Olinda e para o caminho que por séculos as conectou. Esta reconfiguração territorial pode ser responsabilizada pelo processo subsequente de perda de memória e identidade do lugar (LIRA, 2014), que fora ocupado continuamente por quatro séculos, até que desaparece do imaginário coletivo dos habitantes das cidades irmãs.

Enclausurados por armazéns, perdem-se os vestígios desta identidade cada vez mais frágil, agora fragmentada do entendimento completo do sistema de paisagem que compreendia o conjunto de edificações da antiga “lingueta”, marcado pela relação dos Fortes do Brum, cuja descaracterização e intensificação da ocupação no entorno resultaram na perda de sua configuração original na costa entre o mar e o Rio Beberibe, e Forte do Picão com a Cruz do Patrão e o Forte do Buraco (PONTUAL

et al, 2006 apud LIRA, 2014), este último agora isolado além do canal, tendo suas ruínas praticamente ocultas pela vegetação. O estado atual da Cruz do Patrão, do Forte do Brum e das ruínas do Forte do Buraco elucidam de forma clara a evolução da ocupação do Istmo na parte recifense, bem como a significativa transformação da paisagem cultural como consequência dos avanços ulteriores no processo de urbanização decorrentes dos aterros sucessivos e da expansão do Porto do Recife.

A partir do entendimento deste sistema de paisagem, do istmo como caminho ao longo do tempo pontuado pelas fortalezas e pela Cruz, percebe-se que estes estão intimamente relacionados à história do crescimento e estabelecimento da cidade do Recife. Nessa perspectiva, tais marcos históricos adquirem sentido ou valor patrimonial, compreendendo-se que a interpretação do processo de resgate histórico e a releitura do local é necessária para a compreensão de como o objeto de estudo é influenciado pelo contexto urbano em evolução e como se insere nesse sistema paisagístico. E este sistema paisagístico, possui, segundo Besse (2014, p.39), “ uma substancialidade e uma espessura intrínsecas: é um conjunto complexo e articulado de objetos ou, pelo menos, um campo da realidade material, mais amplo e mais profundo que as representações que a acompanham”.

## 2.2 DE NORTE A SUL

### **Interesses sociais-econômicos-políticos nos planos e projetos para o Bairro do Recife.**

O Bairro do Recife, dada sua ligação direta com o Porto, compunha parte da área central para o desenvolvimento econômico/social da cidade até a metade do século XX. Enfrentou, no entanto, um declínio da sua vida dinâmica devido às políticas de diminuição das atividades portuárias nos anos 1960. Apesar disso, várias reformas foram implementadas nessa época, incluindo a construção de grandes armazéns, um terminal açucareiro e um parque de tancagem. Houve também mudanças na infraestrutura, como a incorporação da Av. Alfredo Lisboa ao pátio de manobras de caminhões do Porto e a demolição da área do entorno da Igreja do Pilar (Vieira, 2008).

No bojo dessas reformas, houve até mesmo uma proposta de remoção da Cruz do Patrão para a construção de esferas de gás pela Companhia Pernambucana de Borracha Sintética. Essa ação foi impedida pelas pressões da comunidade científica e sociedade civil organizada. Não houve, no entanto, preocupação em preservar o acesso ao monumento, que acabou sendo encoberto por novas construções (Assis, 2012). Com o declínio de sua função na navegação e a falta de reconhecimento de seu valor para a comunidade afro-brasileira, o monumento caiu no esquecimento da população em geral, prevalecendo a ênfase na modernização e no potencial econômico do porto.

Em 1985, o prefeito Jarbas Vasconcelos iniciou o Plano de Reabilitação do Bairro do Recife, visando a inclusão social e a recuperação do patrimônio edificado para ocupação social para pessoas de baixa renda. Porém, o plano não teve continuidade após sua gestão. Na administração seguinte, do prefeito Joaquim Francisco, o foco mudou para o setor empresarial e o turismo, excluindo áreas históricas como a parte norte do bairro. O governo estadual lançou um projeto turístico que incluía o Bairro do Recife. Foi encomendado o Plano de Revitalização do Bairro, parte do Prodetur, mas não houve outras ações efetivas além da elaboração do plano (Vieira, 2008).

Quando Jarbas Vasconcelos assumiu novo mandato (1993-1996), implantou o Plano de Revitalização do Bairro do Recife (PRBR), alinhado com as prioridades do governo estadual. O plano incluiu parcerias público-privadas e reformas emergenciais dos espaços públicos, que duraram até 2005, atravessando outros mandatos municipais e sofrendo ajustes ao longo do tempo. O objetivo era transformar o bairro em um centro de serviços modernos, preservando seu patrimônio histórico e cultural e promovendo lazer e turismo.

Ele definiu a estrutura econômica e social das atividades a serem implantadas no bairro, a forma de ocupação das áreas, a utilização do patrimônio ambiental e cultural e a imagem social buscada. Como objetivos, estavam a transformação da área em um Centro de Serviços Modernos, a conservação do patrimônio histórico e cultural do bairro através da vitalidade econômica, resgatando sua característica de espaço em constante transformação que mantém os registros de todas as suas épocas históricas e a conversão do Bairro do Recife em espaço de diversão e lazer para a população e em um centro de atração turística nacional e internacional. (Andrade, 2013, p.48)

A área foi dividida em três setores com formas de intervenção diferenciadas. Monumentos como o Forte do Brum e a Igreja do Pilar foram incluídos no Setor de Renovação, mas não receberam atenção suficiente nos projetos de revitalização. A gestão concentrou esforços principalmente na parte central e sul do bairro, deixando de fora os monumentos da parte norte do bairro dos planos turísticos e culturais. De certa maneira, o território ainda apresenta consequências deste processo, com um esvaziamento do uso habitacional, concentrando desproporcionalmente seus usos durante os fins de semana. O “espaço de diversão”, lazer, se consolidou a revés de uma ocupação orgânica pela população, contribuindo ao panorama geral de esquecimento das dimensões históricas e patrimoniais (Andrade, 2013).

Na gestão municipal de Roberto Magalhães (1997-2000), os esforços prioritários foram concentrados na continuação dos projetos na parte central e sul do Bairro do Recife. Embora tenham ocorrido algumas intervenções na porção norte, como a recuperação da Ponte do Limoeiro e a urbanização do entorno do Forte do Brum, não houve melhorias na área da Cruz do Patrão, apesar do acesso existente. Na época, fora anunciado que a área do monumento faria parte de um novo ponto turístico, no

entanto, nenhuma ação efetiva foi realizada nesse sentido. Além disso, um projeto de revitalização do monumento com a instalação de um bar e restaurante em um navio próximo foi apresentado, refletindo uma preocupação com a exploração econômica do patrimônio em detrimento de sua valorização cultural e histórica.

O prefeito João Paulo (2001-2004 e 2005-2008) iniciou uma nova fase de gestão voltada para as classes sociais mais baixas, dando continuidade ao Plano de Revitalização do Bairro do Recife (PRBR) e iniciando o Programa de Requalificação Urbanística e Inclusão Social da Comunidade do Pilar (PRUISCP). Apesar dos esforços, o PRUISCP não foi executado. Houve obras de restauração da Cruz do Patrão, seguidas de pesquisa arqueológica para resgatar a história da comunidade afro-brasileira. Um projeto foi elaborado para transformar a área em uma praça e espaço para eventos, com um centro de formação afro-brasileira ao lado do monumento. No entanto, as ações também priorizaram valores econômicos, com intervenções modernizadoras em áreas de grande visibilidade, enquanto as ações de revitalização se concentraram principalmente nos Polos Bom Jesus e Alfândega.

O Programa Recife-Olinda foi iniciado em abril de 2005, como resultado de um convênio entre as prefeituras das duas cidades, o Governo do Estado e o Governo Federal. Ele visa ações estratégicas para desenvolver historicamente, culturalmente, tecnologicamente, economicamente, socialmente e ambientalmente a área entre Brasília Teimosa e o Sítio Histórico de Olinda na Região Metropolitana do Recife (RMR). O projeto integra a restauração de monumentos e edificações com o reaproveitamento de áreas subutilizadas, e visava uma duração de 20 anos. Propõe também instrumentos de integração e planejamento para promover uma gestão integrada do território com atividades turístico-culturais, salvaguardando o patrimônio cultural, valorizando as frentes d'água e os espaços públicos.

O Projeto Recife-Olinda não menciona a Cruz do Patrão como uma área de relevância, concentrando-se apenas nos bens tombados, como o Forte do Brum. O projeto propõe o resgate do caminho entre Recife e Olinda, mas não considera

a importância histórica e cultural da Cruz do Patrão, que fazia parte da paisagem dessa ligação. Não há preocupação especial com o tratamento do monumento ou com seu resgate histórico e cultural, apesar do foco nas atividades turístico-culturais. O projeto apenas prevê um tratamento urbanístico para a área, sem considerar seu significado como marco de navegação ou da história afro-brasileira.

Em 2009, sob a gestão do prefeito João da Costa (2009-2012), apoiado pelo ex-prefeito João Paulo, foi proposta a transformação da Cruz do Patrão em um novo equipamento turístico-religioso da cidade. O projeto incluía a requalificação e construção de um complexo cultural afro-brasileiro, com uma variedade de instalações, como prédio administrativo, biblioteca, auditório, lojas, restaurante e estacionamento, além de passeios às margens do rio Beberibe e píeres para atracação de catamarãs. No entanto, o projeto não avançou após a apresentação e ainda não foram tomadas medidas para sua elaboração e execução.

Em dezembro de 2011, a administração do Porto anunciou a possibilidade de mudar o monumento da Cruz do Patrão de local devido à necessidade de ampliação de espaços para importação de maquinário e estoque de veículos na área operacional. A intenção era realocar o monumento para uma das duas praças na entrada do porto. Isso sugere que a área do monumento foi considerada como operacional para o porto, levando à cogitação de deslocamento do monumento para a construção de um pátio de estocagem. Essa abordagem reflete uma mentalidade de modernização que busca substituir o antigo pelo novo, sem considerar a preservação do patrimônio histórico. (VIEIRA, 2008 p. 71)

O processo de tombamento da Cruz, concluído em agosto de 2012, acontece em resposta à intenção pela administração portuária de mudança do local da Cruz, em função da necessidade da ampliação de armazéns no Porto.

Apesar do pedido de tombamento e da garantia do monumento no local, em novembro de 2012, observou-se uma redução de mais da metade da área em relação à área existente anteriormente, em que o monumento está inserido. Nesta parte do terreno está sendo instalada uma empresa que, de acordo com operários que se encontravam no local, seria de pescados. Verificou-se que restou apenas um recuo de aproximadamente 15 metros em relação ao monumento, um pouco maior que o do lado oposto que é de aproximadamente 10 metros. (ANDRADE, 2012, p.51)

Como observado, por muito tempo os investimentos priorizaram obras e projetos com valorização econômica, em detrimento dos aspectos sociais e culturais. Projetos em áreas menos visíveis, como a Comunidade do Pilar e a Cruz do Patrão, foram relegados a segundo plano, não recebendo a devida atenção, principalmente porque não eram consideradas importantes para a elite. Embora os projetos estivessem em pauta, a falta de recursos frequentemente impedia sua execução, mesmo quando grandes quantias estavam disponíveis para outros empreendimentos (ANDRADE, 2013).

Em 2013, um convênio entre a Secretaria de Desenvolvimento Sustentável e Meio Ambiente da Prefeitura do Recife e o InCiti - Pesquisa e Inovação para Cidades da Universidade Federal de Pernambuco resultou no projeto Parque Capibaribe: Caminho das Capivaras, que visa reintroduzir o rio como paisagem estruturante da cidade.

Surge daí o entendimento de que, pelo sistema hídrico do Recife e conexão das águas das bacias de seus rios, seria possível se pensar uma cidade “ajardinada”, como uma “Cidade Parque”. (VERAS, 2018, p.14)

A partir dos conceitos chave percorrer, atravessar, chegar, abraçar e ativar - num léxico que promove a vivência da cidade pontuada pela interação com o rio e a margem oposta - o projeto do parque Capibaribe se apresenta como um contexto que influencia a área da Cruz do Patrão indiretamente, quando em seu mapeamento conceitual das margens do Capibaribe enfatiza o resgate deste sistema de paisagem, reavivando os percursos hídricos da cidade, que direcionam-se ao estuário que deságua pela Ilha do Recife no mar.

Por meio desta compreensão do Recife “cidade parque”, que se desdobra em “cidade água” por meio da potencialização desta linha de força (VERAS, 2018, p.17) que, como a Cruz e o Istmo anteriormente mencionados, está intimamente ligada ao surgimento da cidade. O objeto de estudo deste trabalho faz parte então do sistema paisagístico correspondente a o que o projeto do parque denomina de porta do mar, configurando uma culminância de fluxos terrestres e fluviais.



[09] Sistemas de paisagem do Parque Capibaribe.  
 Fonte: PARQUE CAPIBARIBE: A REINVENÇÃO DO RECIFE CIDADE PARQUE, 2022. (Adaptação do autor)

## 2.3 A PAISAGEM O MONUMENTO PATRIMONIAL E OS ESPAÇOS LIVRES

O trabalho interpretativo de Besse (2014) associa o conceito de paisagem a cinco problemáticas - as quais denomina portas - que não se superpõem, mas articulam-se como um todo intrincado. Para o autor (idem), a primeira porta consiste na compreensão da paisagem como representação cultural e expressão humana, ele seria discurso e imagem. Besse (idem) exemplifica essa porta na figura da pintura renascentista, que atua como janela de visualização. Na segunda porta, o autor designa a paisagem como um território que reúne uma certa produção da sociedade, sendo possível compreendermos seus elementos estruturantes e morfologia como resultado da inter-relação entre a ação humana e a natureza - a paisagem como realidade sintética (Bezerra, 2017). Em sua terceira porta, a paisagem se caracteriza como um complexo sistêmico, que forma uma totalidade dinâmica, existente em uma temporalidade particular. De caráter fenomenológico, a quarta porta representa a paisagem a partir de um espaço suscetível a experiências humanas sensíveis, ou seja: uma forma de experienciar o mundo através do corpo e de como este corpo se insere e interage com a realidade objetiva. Como última porta, compreende-se a paisagem enquanto um contexto de ação projetual; exercício composto pela ambiguidade entre descrever e imaginar o real.

Pretendemos interpretar, neste trabalho, a paisagem pela porta do contexto da ação projetual, dada sua abertura para pensar e promover programas contemporâneos inspirados naquilo que já existe, face às demandas de uso do local, sobretudo do turismo, visitação ou futuro adensamento do bairro, imprimindo-lhe um valor pedagógico e memorial.

Entendendo a paisagem a partir dos desdobramentos epistemológicos presentes na quinta porta e suas respectivas problemáticas, é possível compreender a relação entre paisagem e projeto como um “processo ambíguo que baliza, por meio do

pensamento do possível, os atos de testemunhar e modificar [...]. Efetivamente, trata-se de fabricar, elaborar o que já está presente e que não se vê” (Besse, 2014, p.60-61). Este processo, por sua vez, se beneficia de uma multitude de discursos, que possibilitam o exercício de inventar um território ao representá-lo e descrevê-lo. Esta invenção revela que aquilo que já estava ali é parte de futuros possíveis (idem, p.62). Sob este olhar, a paisagem é sempre interpretada como um bem patrimonial, parte do palimpsesto construído ao longo do tempo pelas sociedades que nela se inscrevem, camada após camada. Como pontua AB’SABER (2003, p.9), a paisagem é uma “herança de processos fisiográficos e biológicos, e patrimônio coletivo dos povos que historicamente as herdaram como território de atuação de suas comunidades”.

Os marcos na paisagem, edificados ao longo do tempo pelas sociedades, documentam significados pertinentes de lembrança e rememoração, como um “monumento histórico”. Monumento, no sentido do que afirma Choay (2001, p.168), quando interpreta Alois Riegl, o qual define monumento histórico “a partir de valores que foram investidos no curso da história”. Como este valor transcende ao valor artístico, comumente associado aos bens históricos, torna-se, portanto, reconhecido por “um valor terreno ‘de uso’, relativo às condições materiais de utilização prática dos monumentos” (CHOAY, 2001, p.169). Isto não significa que a estes monumentos históricos não estão agregados a outros valores, pois são também portadores de valores artísticos, pedagógicos e da imaginação. Esses monumentos podem ser “catalisadores no processo de invenção de novas configurações espaciais” (CHOAY, 2001, p.198).

Se pensarmos no objeto de estudo deste projeto, a Cruz do Patrão, além de seu valor reconhecidamente histórico, outros significados foram-lhe atribuídos ao com o passar do tempo, seja no sentido material ou imaterial, sobretudo relacionados a crenças e mitos, associados a práticas culturais relativas à injustiça social e discriminação de raças. O monumento ganhou notoriedade no imaginário coletivo contemporâneo da cidade, não pela sua função material como marco de navegação, mas através do que na tradição oral se reproduz: como um local

de recorrentes violências e sepultamentos da população afroindígena brasileira durante o período em que se estendeu a escravidão no Brasil. Essa narrativa, repassada por gerações entre pais e filhos, atribuiu um caráter sobrenatural ao monumento e ao local na subjetividade coletiva da cidade, a crença de que ali estava incutida uma dimensão de assombro, uma lembrança do legado de dor que acompanha a Cruz ao longo de séculos, temida e evitada por muito (RAMOS, 2008).

Em “Assombrações do Recife Velho”, publicado em 1955, o escritor Gilberto Freyre cita o cronista Franklin Távora, que descreveu reuniões de praticantes de religiões afro-brasileiras na localidade da Cruz do Patrão entre o fim do século XIX e o começo do século XX

O que parece ter regalado feiticeiros e negros de xangô que se tornaram senhores dos arredores da cruz nas noites mais escuras e úmidas do Recife. Principalmente na noite de São João. Conta Távora que numa dessas noites celebrava-se, como de costume, o que ele chama “congresso dos negros feiticeiros do Recife”, que teriam, assim, se antecipado aos brancos e letrados na realização de congressos afro-brasileiro. (FREYRE, 1955)

O registro encontra suporte em evidências arqueológicas resultantes de pesquisa iniciada em 2005 pela prefeitura do Recife em conjunto com a Universidade Federal de Pernambuco, que comprovaram a existência do muro de arrimo ao redor da cruz, também encontrando durante investigação no sítio vestígios de objetos relacionados a práticas religiosas de matriz africana. Por conta deste histórico, o local torna-se símbolo da cultura afro-brasileira local, que compreende a complexidade da dimensão imaterial do monumento investigado.

Dentro deste contexto encontramos vestígios de rituais que foram analisados e interpretados. Segundo análise realizada pela Associação dos Babalorixás e Yalorixás dos Cultos Afrobrasileiros do Estado de Pernambuco, “os vidros, as cerâmicas e as ferragens encontradas assemelham se aos materiais utilizados nos assentamentos dos Orixás nos terreiros”, onde realizam seus trabalhos direcionados às suas entidades religiosas. (Ramos, 2008, p. 5)

É justo por meio dessa multiplicidade narrativa do espaço, pelo seu caráter polissêmico e assombroso em nosso imaginário, que pretendi intervir sobre a Cruz. Porque ela está bem no limite entre o que se deve preservar para não esquecer. Quer dizer, aquilo que existe para nos lembrar do nosso assombro. “Não há um documento de cultura que não seja, ao mesmo tempo, um documento de barbárie”, diria Benjamin (2005, p. 70), no sentido de que no ato decisório que elege aquilo que uma sociedade preserva está implícito também aquilo que ela deseja que desapareça; que um conjunto de forças faz desaparecer ou não. Preservar e esquecer são, em si, atos políticos.

Pensando ainda através da porta do projeto, constatamos a singularidade da Cruz e de seu entorno, onde o “monumento” e ambiente formam uma trama que constitui uma totalidade dinâmica e sintética, na qual subsiste uma “articulação da natureza e da sociedade, uma integração de dados naturais e dos projetos humanos” (BESSE, 2014, p.40). Trata-se de um sistema de paisagem que abarca dimensões naturais e socioculturais em um único ambiente, tornando-se um este um ambiente patrimonial. “O entorno do monumento mantém com ele uma relação essencial” , nos lembra Choay (2001, p. 200-201) interpretando Giovannoni. Isso porque o monumento “não poderia designar um edifício isolado, separado do contexto das construções no qual se insere” (idem). Separar monumento do locus seria como mutilá-lo. Trata-se, justo, de pensar o ambiente imediato ao monumento: aquele que é constituído de “sólidos e vazios que formam o contexto estético e social no qual ele foi projeto” (Cabral, 2022, p. 36). Parte da própria inseparabilidade de dimensões topográficas, arquitetônicas, sociais e estéticas (idem).

A malha constitutiva da cidade é tramada de forma semelhante. No sentido de um certo ordenamento entre vazios e cheios, que costura a complexidade das paisagens. A paisagem urbana funciona, assim, como a “arquitetura da cidade”, onde “edifícios e outros elementos formam um ambiente contínuo, um todo dinâmico e complexo” como afirma Sá Carneiro (2010, p. 41) interpretando Anne Spirn. Da mesma forma, sob a perspectiva ecológica e ambiental “os

edifícios e os espaços livres constituem um todo, ou seja, a cidade se forma a partir de subsistemas interconectados em que o ambiente natural e o construído precisam estar em equilíbrio” (idem). Por isso também, mais uma vez, vemos sentido e intervir sobre a Cruz: porque o vazio que ele representa é estratégico para a manutenção deste equilíbrio do locus em que está inserida.

Entendemos a Cruz do Patrão como um “espaço livre” na cidade. Há uma multiplicidade de possibilidades de compreender essa noção que, em conjunto, nos ajudam a definir a abrangência de atuação da nossa intervenção. Se pensarmos nos sistemas de espaços livres, podemos identificá-los em ao menos duas chaves: áreas “parcialmente edificadas com nula ou mínima proporção de elementos construídos e/ou vegetação” (SÁ CARNEIRO e MESQUITA, 2000, p.24) - nas quais incluímos avenidas, ruas, passeios, vielas, pátios, largos e outros - ou áreas com a presença maciça de vegetação - como parques, praças, jardins, etc - os quais possam ter funções urbanas de circulação, recreação, composição paisagística e de equilíbrio ambiental (idem).

Para Raquel Tardin (2008), os espaços livres, em si, são definidos como “partes do território não ocupadas pelos assentamentos e pelas infra-estruturas viárias”. Esses espaços livres, segundo ela, são “agentes ativos do projeto territorial, distintos de simples espectadores mudos, passivos, isolados, na expectativa de ocupação ou proteção” (TARDIN, 2008, p.14-17). É fundamental que se estude os espaços livres compondo um sistema “representado por um conjunto de elementos de distintas escalas, susceptíveis de estabelecer relações de distintas naturezas, abertas e intrincadas entre si e com seu entorno, sob influências mútuas e em relativa autonomia”. Com isso, poder-se-á compor um mosaico representado por ecossistemas, espaços contínuos e descontínuos categorizados como “fragmentos, corredores, matrizes e fronteiras” (TARDIN, 2008, p.44).

Ainda, a partir do entendimento de Francesco Careri sobre a composição do tecido da cidade como um arquipélago fractal, onde vazios urbanos conformam limites entre as ilhas do sistema, por onde fluxos circundam e penetram o território como

a água a fluir (CARERI, 2002, p.182) observamos o caráter de auto similaridade encontrado nas franjas de ocupação. Estas “amnésias urbanas não estão apenas esperando para serem preenchidas por algo, mas por significantes” (CARERI, 2002, P.183). Partindo desta constatação, compreendemos a cidade como o espaço de estar, passando em todas as direções pelos territórios do andar. (Idem)

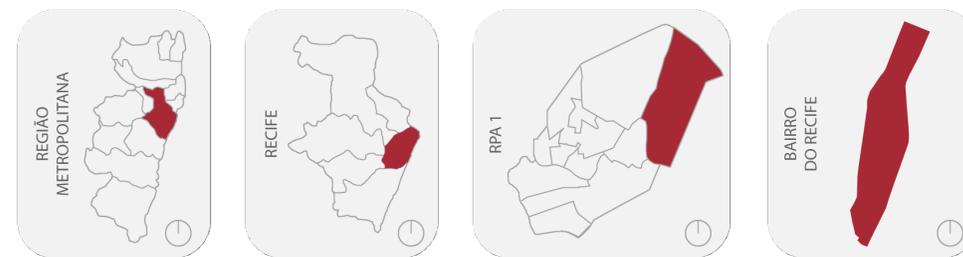
Nesse sentido, os espaços livres formam um sistema paisagístico, considerando todos os espaços que já se conectam ou que podem se conectar à área da Cruz do Patrão, articulados e integrados entre si. Marcadamente, as vistas associadas à Cruz, os caminhos e eixos que para ali se dirigem, as franjas ou faixas de transição, seja a margem d’água ou caminhos e acessos, os espaços residuais que ali subsistem sem uso e até mesmo a coleção de recantos e refúgios, resultantes da estruturação urbana, os quais se encontram desprezados, sem integração urbanística, nem tratamento paisagístico. É sobre esses espaços relegados ao esquecimento que essa investigação se debruça e se desenvolve, materializando a paisagem capturada; a partir da interpretação do lugar, mediante uma intervenção de projeto.

## 2.4 CONTEXTO URBANO DA PAISAGEM

A compreensão do contexto da paisagem urbana partiu da análise espacial do entorno da área de estudo. Foram desenvolvidos mapas temáticos utilizando dados cartográficos obtidos do Sistema de Informações Geográficas do Recife (ESIG), ferramentas como imagens de satélite do Google Earth e visitas para o reconhecimento in loco que possibilitaram a produção de levantamento cartográfico, fotogramétrico e aerofotogramétrico. Também percorreu-se o corredor náutico que circunda a ilha, a fim de levar em conta também a perspectiva de chegada a partir do mar, do fora a dentro, e investigar como este roteiro que está entrelaçado a história da cidade se relaciona a mesma..

Para esta análise, sempre buscando um entendimento sistêmico da paisagem de modo integrado numa leitura do conjunto urbanístico e

arquitetônico do ambiente que compõe as dimensões materiais e imateriais relacionadas ao Recife Antigo, foi considerada a área do bairro designada no ESIG, que compreende todo território da ilha, sendo assim possível abordar a junção dos diferentes tempos e usos expostos na trama urbana.



[10] Localização da área de estudo.

Fonte: Elaboração Própria, (2023)

Este processo metodológico possibilitou o conhecimento da diversidade das sobreposições de ocupação urbana e a importância do núcleo geratriz da cidade como nó primordial dos fluxos que adentram o continente através do centro expandido, trajeto de entrada à ilha. Isto fica demonstrado pelo desenho do traçado radial que responde urbanisticamente a evocação de um Marco Zero, concebida a partir das reformas de caráter higienistas do início do século XX inspiradas no projeto Haussmaniano de Paris.

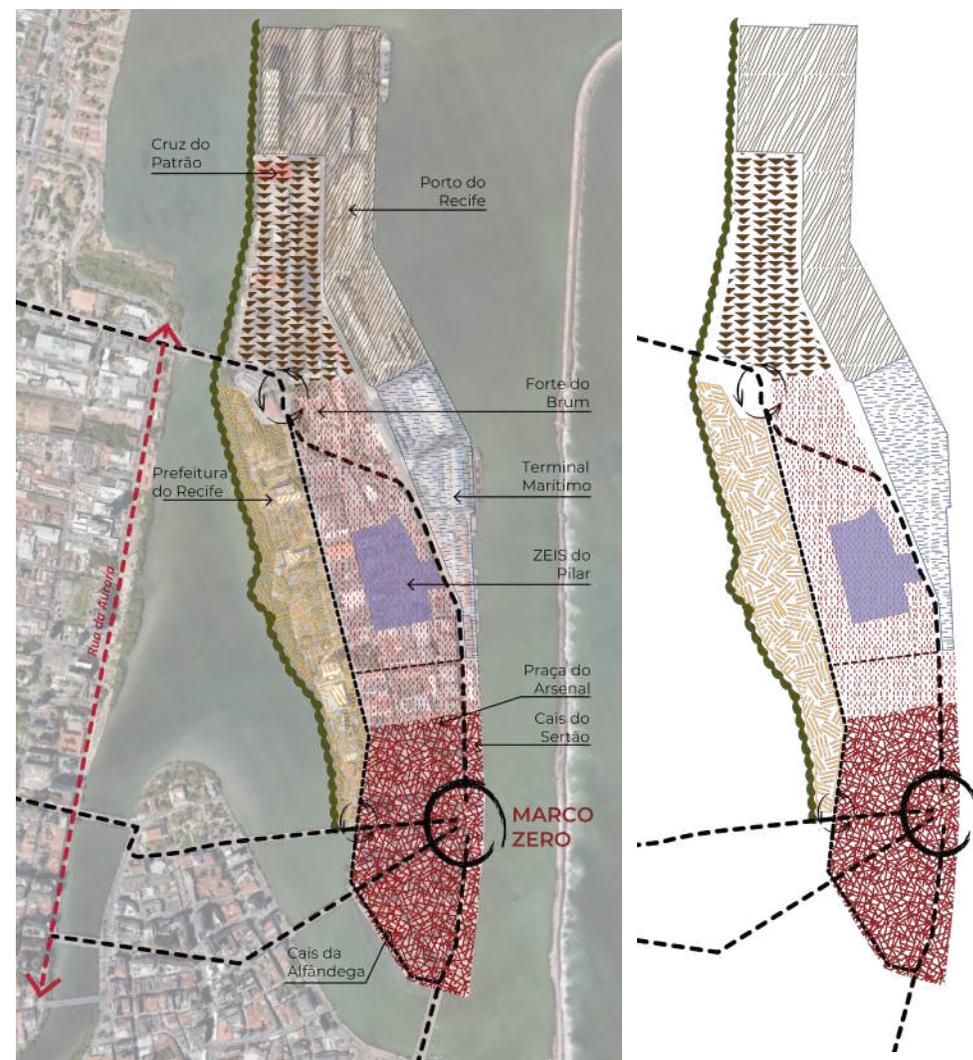
Dialogamos, contudo, com a proposição para o bairro do Recife que é o projeto do Parque Capibaribe, criado no ano de 2014 pela Prefeitura da Cidade do Recife (PCR) em um convênio estabelecido com a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). O projeto, como exposto no item 2.2 deste trabalho, propõe um sistema de áreas livres ao longo das margens do Rio Capibaribe, tendo como elemento estratégico o uso da vegetação nativa do Recife (Silva, Meneses, Mota, 2021; Monteiro, Filho, Cunha, 2021). Assim, o projeto propõe a reconexão histórica entre as pessoas e as margens do rio, restabelecendo a relação com as águas da cidade, águas que dão o sentido de existência para a Cruz do Patrão, por exemplo.

Tendo o Rio Capibaribe como eixo estruturador, o projeto do parque relacionou características ambientais e geográficas estabelecendo “portas”, que denotam a abertura e reconexão com as diversas áreas da cidade. O bairro do Recife encontra-se na Porta do Mar, que se caracteriza pelo encontro das águas doces do rio com o mar, que se caracteriza pela presença do Porto do Recife e dos diferentes monumentos históricos existentes, local de encontros e atividades comerciais. Desta forma, a área do entorno da Cruz do Patrão reforça a conotação histórica das relações que o projeto do Parque Capibaribe propõe resgatar.

No desenvolvimento do diagnóstico territorial, buscando-se compreender os sistemas que operam sobre o território da ilha, produziu-se um mapa similar a um mapa mental [11] onde se analisou os diferentes tempos do traçado, setorizados por suas características mais marcantes ao longo de percursos realizados pela ilha. Buscou-se nesta experimentação percorrer de sul a norte, a partir da ponte 12 de setembro, conhecida como ponte giratória, até a entrada do Porto, adjacente ao terreno da Cruz do Patrão, e logo após voltando e direcionando-se a oeste, sentido Rua da Aurora, pela ponte do Limoeiro.

Em um segundo trajeto, procurou-se por meio da técnica de apreensão do espaço conhecida como deriva, experimentar a ilha de forma mais lúdica, seguindo o convite das reentrâncias e saliências, e das indagações imanentes dos diferentes tempos, identificando-se o território sob a ótica de sobreposições e disjunções. Esta busca por uma imersão no território possibilitou uma compreensão singular das relações entre tecidos históricos de diferentes tempos encontrados no espaço delimitado pela Zona Especial de Preservação do Patrimônio Cultural (ZEPH), promulgada em 1979, com o objetivo de resguardar o conjunto em relação ao avanço da especulação imobiliária.

No processo de elaboração do mapa de cheios e vazios e cobertura vegetal, observou-se que a área da Cruz do Patrão encontra-se, como parte do território a norte do forte do Brum, desconectada do circuito de eventos que constituem o conjunto de práticas culturais que constroem a identidade funcional do bairro. A área de

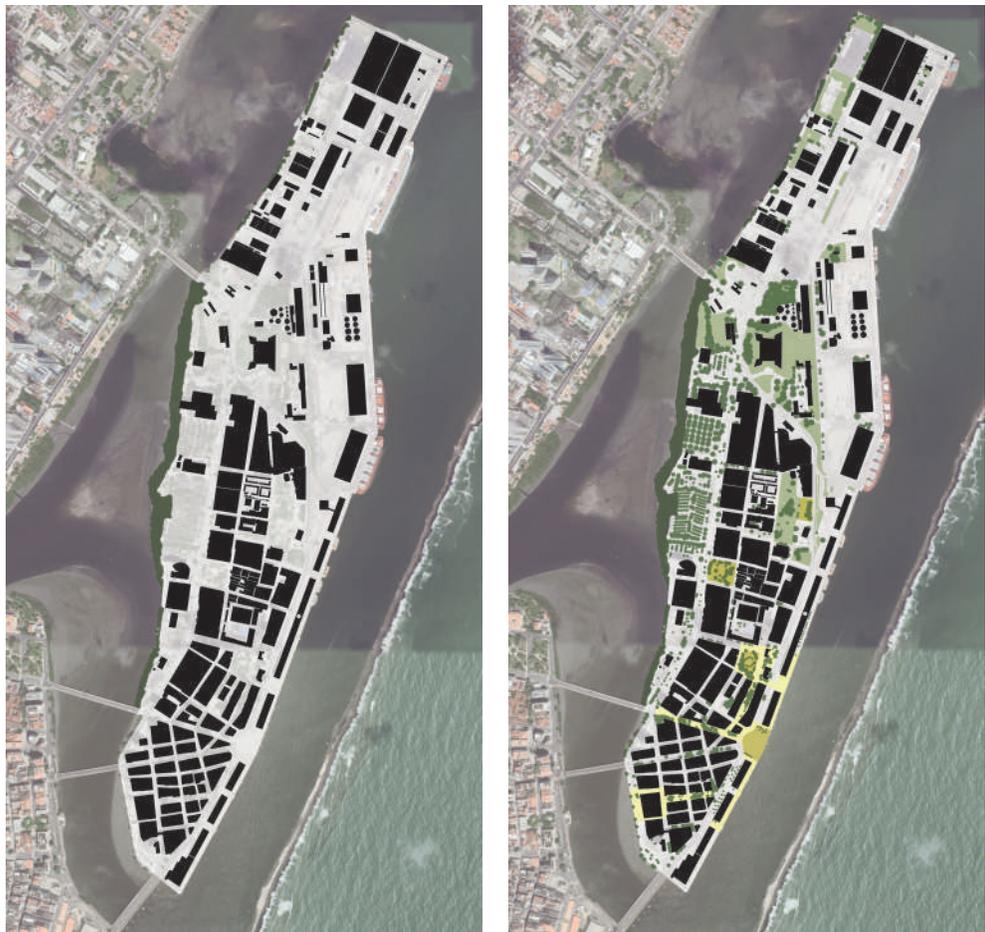


[11] Mapa de setorização conceitual da ilha do Recife.

Fonte: Elaboração Própria, (2023)

- Complexo portuário
- Área de logística
- Terminal marítimo de passageiros e administração portuária
- ZEIS Pilar
- Sobreposição de tempos
- Setor administrativo Executivo e Judiciário
- Apoteose do Marco Zero Setor Cênico
- Cordão de mangue variável

entorno do monumento e entrada do Porto também encontram-se desassociadas do sistema de espaços livres que interconecta por becos, largos e vielas os bulevares da reforma iniciada em 1912 aos traçados mais antigos e mais recentes da ilha. Dando prosseguimento ao processo de compreensão da área, como parte dos procedimentos metodológicos, procurou-se através de consulta a base de dados do ESIG entender as atuais dinâmicas funcionais da área, constatando-se a ínfima presença do uso habitacional e predominância de edificações especiais e comércio.



[12] Mapa de cheios e vazios e cobertura vegetal.  
Fonte: Elaboração Própria, (2023)

Esta dinâmica de ocupação do solo alinhada à característica geográfica de ilha dão ênfase à importância de analisar como se dá o fluxo de pessoas no território, por onde estes fluxos permeiam a paisagem ali encontrada, já que a grande maioria destes caminhos percorridos eventualmente deslocam-se para além do bairro.

A partir da base cartográfica utilizada para produzir a planta Nolly e o mapa do sistema verde do bairro, e das constatações da análise dos tipos de uso do solo na ilha, podemos entender esta parcela do território como um enclave de comércio e serviços, dependentes de deslocamentos externos em direção a estes para funcionamento regular. Tal enclave é desvinculado de uma população ou comunidade local

#### Tipo Uso ( Habitacional, não Habitacional, ... )

Lotes - Tipo de Uso

Tipo Empreendimento

- Uso Habitacional; Apartamento; Casa; Condomínio Residencial; Edifício Residencial; Garagem Residencial; Mocambo; Subcondomínio Residencial | EDIFÍCIO RESIDENCIAL
- Uso não Habitacional; Loja; Centro Comercial/Serviços; Condomínio Comercial/Serviço; Edifício Comercial/Serviços; Galpão; Galpão Fechado; Hospital; Hotel; Indústria; Instituição Educacional; Instituição Financeira; Posto de Abastecimento; Sela; Edifício Garagem | TERRENO COMERCIAL
- Condomínio Misto; Uso Misto; EDIFÍCIO MISTO; Edificação Especial; Edifício Misto
- Templo religioso; Templo religioso
- Terreno



[13] Mapa de usos do Bairro do Recife.

Fonte: Sistema de Informações Geográficas do Recife (ESIG), Prefeitura do Recife

inexistente, com exceção da zona de interesse social do Pilar, no centro da ilha, que mesmo assim possui números populacionais modestos, por volta de 400 famílias, e que recorrentemente é ignorada, por conta de seu perfil social, nos estudos de planejamento do bairro. Por conta desta caracterização, procurou-se investigar a dinâmica dos fluxos que permeiam esse território, constatando-se a necessidade de compreender e categorizar distintamente os movimentos ali presentes.

Os fluxos ativos, mobilidade centrada em transportes não motorizados e no passeio a pé; e os fluxos passivos, mobilidade motorizada, apresentam-se como parte de uma dinâmica presente que caracteriza um roteiro quase coletivo, onde se acessa a ilha predominantemente através da mobilidade passiva por uma das quatro pontes, conformando um fluxo de transição, direcionado para além do bairro. A partir da mudança do fluxo passivo para ativo, descendo do ônibus, estacionando o carro, por exemplo, pode-se adentrar o bairro por meio do sistema de espaços livres. Esses formam retalhos de cidade e memória explicitados pelo traçado urbano que prioriza o olhar de quem caminha, conformando um fluxo de permanência que promove circuitos, visíveis a quem experiencia a área por meio da caminhada, pontuados por inúmeros marcos e recintos convidativos ao estar ou desfrute. Partindo deste entendimento procurou-se representar espacialmente as dinâmicas e movimentos perpassadas pelo conjunto de recintos relacionados a vivência no bairro, com o objetivo de mapear o funcionamento do sistema de espaços livres existente na área, delineado pela força do circuito que conecta praças, becos, vielas, pátios e largos ao longo da trama urbana da ilha.



[14] Mapa de fluxos passivos.  
Fonte: Elaboração Própria, (2023)



[15] Mapa de fluxos ativos.  
Fonte: Elaboração Própria, (2023)



[16] Mapa do sistema de espaços livres presentes na ilha.  
Fonte: Elaboração Própria, (2023)

## CAPÍTULO III

# O PROJETO DE PAISAGEM NA CRUZ DO PATRÃO

### 3.1 DIRETRIZES PROJETUAIS

A partir do conhecimento, análise e interpretação da paisagem da Cruz do Patrão e seu entorno, observa-se como ela influencia e é influenciada na atribuição de valores patrimoniais, e nas discussões temáticas quanto à perda da memória e identidade cultural de um sítio histórico. Constata-se, ainda, que existe um processo que contribui ativamente para o esquecimento de um sistema de paisagem antes indissociável da compreensão da cidade do Recife, com foco naquele bairro. O percurso identificado, que compreendia a Cruz e o conjunto de fortes do norte do antigo istmo até Olinda, sofreu a ruptura que deu lugar a ilha e hoje encontra-se esvaziado, desconectado do sistema de espaços livres vivenciado na porção sul do bairro, enclausurado por armazéns, guindastes, silo e tanques, que ainda insinua uma paisagem portuária.

O Istmo hoje permanece uma área esquecida na memória da população de Olinda e Recife, mutilado pelos projetos do porto do início do século XX e pelos posteriores avanços do processo de crescimento das duas cidades. Todavia, se não foi bem sucedido enquanto instrumento de resgate da memória, o tombamento garantiu a proteção do Istmo da especulação imobiliária e da ocupação acelerada assistidas nas orlas marítimas do Recife e Olinda nas décadas de 1970 e 1980 (LIRA, 2014).

Perante o exposto, entender a interrelação dos sistemas de paisagem operantes na ilha ao longo do tempo foi imprescindível na identificação dos fatores de degradação que atuaram sobre a trama urbana presente nesta porção norte.

Investigar quais elementos físicos - compreendidos aqui como objetos arquitetônicos, composição vegetal e vazios urbanos - apresentam-se como marcos, limites, barreiras e nós - na conceituação Lynchiana -, e como estes interrelacionam-se com sistema paisagístico, tornou-se essencial para entender como o conjunto desses elementos podem ser articulados e valorizados na elaboração de uma proposta de intervenção na paisagem.

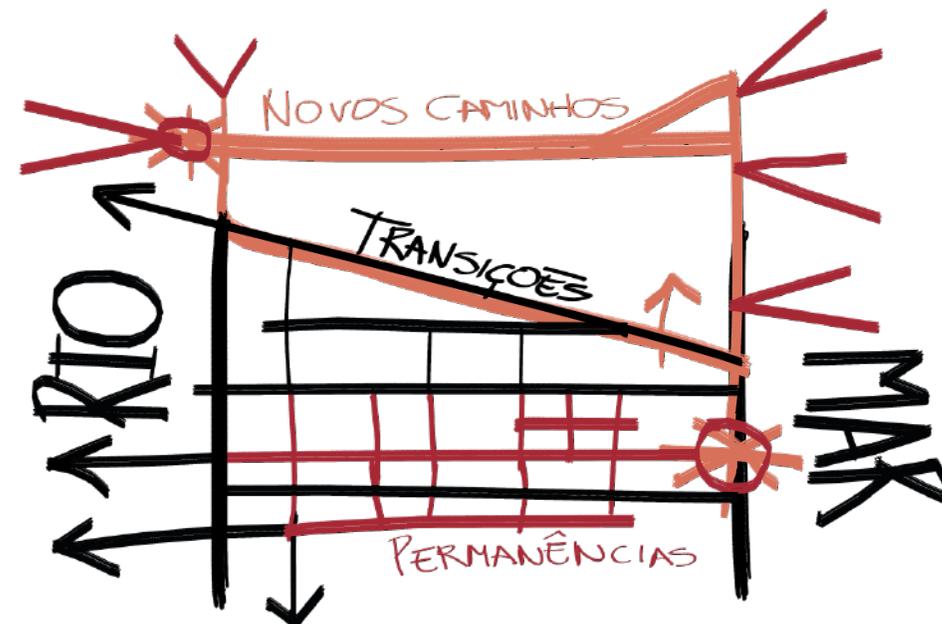
Busca-se operacionalizar um exercício de projeto de paisagem balizado pela necessidade de resgatar o valor de monumento histórico da Cruz do Patrão por meio de uma proposta de requalificação a partir da reconexão do território onde se situa o circuito da ilha. Seguindo diretrizes de intervenção fundamentadas no exercício da paisagem proposto por Besse (2014), quando se entende que o local não é um contexto a ser moldado pelo programa de necessidades, e sim a dimensão funcional, que deve ser decifrada ou descoberta a partir do lugar, como consequência de sua leitura (Marot apud Besse, 2014 p. 57). E é em prol de uma intervenção sobre o espaço que através de um entendimento sistêmico desta paisagem se considere as relações estabelecidas entre objeto e entorno, quanto aos elementos naturais, construídos e humanos ali presentes.

Com base nestas constatações observadas, compreendeu-se a necessidade de iniciar o estudo a partir da indagação de como o sistema de espaços livres presente ao sul da ilha pode influenciar os fluxos que direcionam-se ao norte. Para tentar responder a este questionamento, realizou-se novamente visitas in loco com o objetivo de compreender a relação da paisagem do Porto, marcada por cais e mar, com os caminhos que percorrem

a ilha em direção ao continente pelas pontes que dão acesso ao bairro.

Tentando-se compreender a dinâmica de acesso as frentes d'água presentes neste caminho do centro da ilha ao norte, constata-se que ao longo deste trajeto, a paisagem do mar e a vocação de cais se revela por relances, por detrás de grandes maquinários, galpões e silos. Estes se comportam como bastidores do funcionamento desta paisagem portuária intrinsecamente ligada ao entendimento do Recife nascendo do porto, mesmo que este porto atual não seja o mesmo que a originou. A partir do entendimento desta faixa territorial de uso portuário como uma barreira à água e como um obstáculo ao acesso desta paisagem, identificam-se (des)cortinas que hoje se fecham ao cais, observadas a partir dos bastidores com a provocação do descortino das paisagens.

Da análise, suscitam ideias de que o território ali se organiza em torno de duas linhas de força que conformam a paisagem da ilha, o mar como vazio que se estende ao horizonte e os rios Capibaribe e Beberibe, portas da cidade. Podemos entender estes dois grandes vetores como responsáveis pelo circuito de fluxos que alimenta o bairro de forma transversal a estas linhas, conformando espaços livres com caráter de passagem e permanência no interior da malha. Através da abordagem sistêmica da paisagem da ilha, desenvolve-se um ensaio de um mapa mental [17] ao estudar como esses movimentos que ocorrem ao sul do território podem permear o norte a partir dos dois eixos orientadores da paisagem local. Estes eixos distribuem os fluxos que chegam e saem do sítio que acortinam as vistas do rio e do mar, acessíveis por frestas alternadas enquanto se percorrem estes caminhos. É necessário que haja o descortino das paisagens para que múltiplas percepções surjam por entre as frestas da cidade.

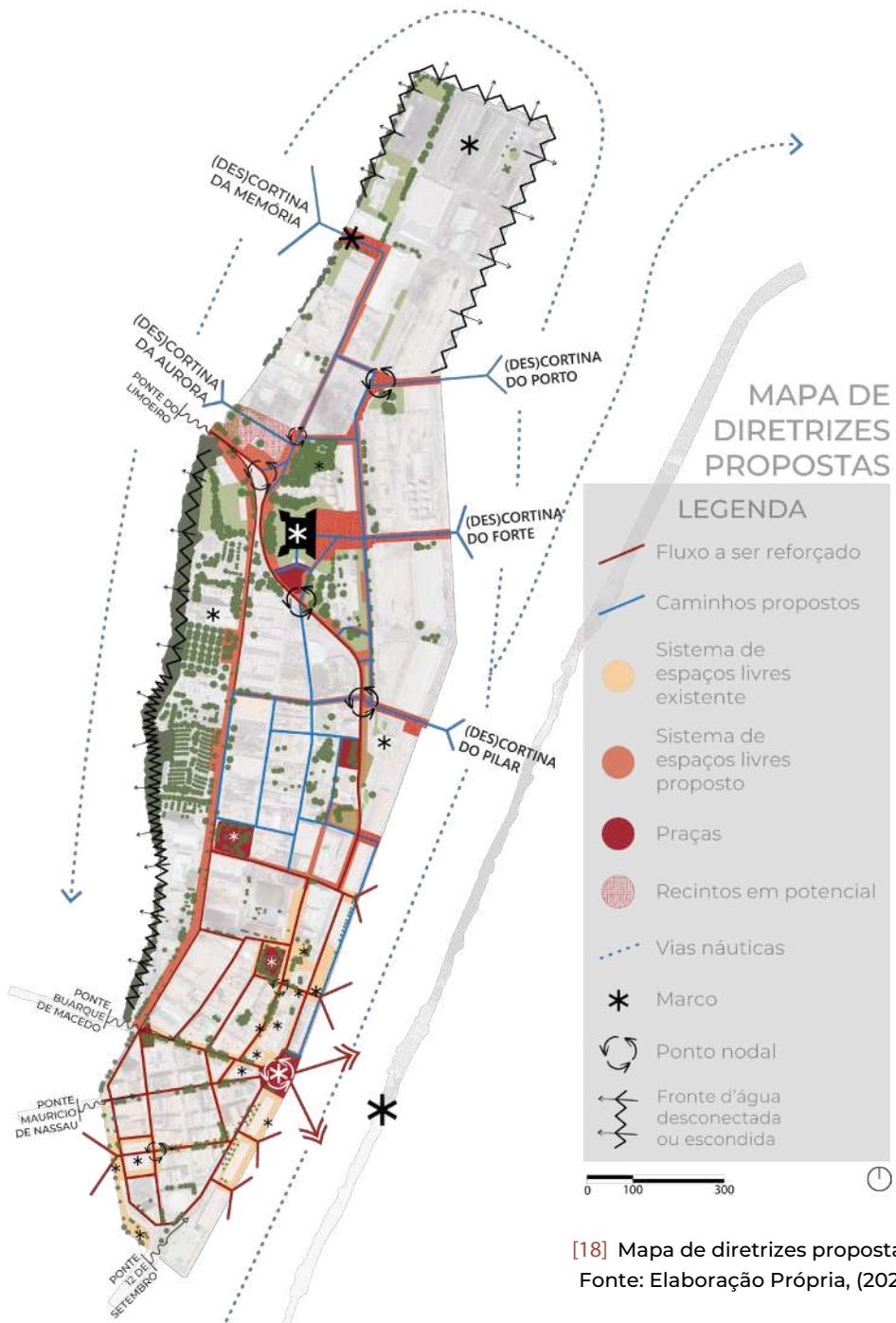


[17] Mapa mental de diretrizes para intervenção.

Fonte: Elaboração Própria, (2023)

Não deixando de considerar a paisagem como a “soma das experimentações, dos costumes, das práticas desenvolvidos por um grupo humano nesse lugar” (Besse, 2014 p.27), se estabelece aqui, como uma das diretrizes projetuais da intervenção proposta a reconexão da Cruz do Patrão ao sistema de espaços livres da ilha, um dos objetivos primordiais deste trabalho.

A partir das análises supracitadas procurou-se condensar estas diretrizes em um mapa síntese das propostas de intervenção, configurando cinco janelas acortinadas, aqui denominadas (des)cortinas, a partir das quais se pretende sugerir formas possíveis de resgate das paisagens de cais e frentes d'água da porção norte da Ilha do Recife, para então conectá-las ao sistema de espaços livres existente, valendo-se da perspectiva da paisagem como projeto através do exercício de testemunhar e modificar o espaço buscando articular contexto e possibilidade.

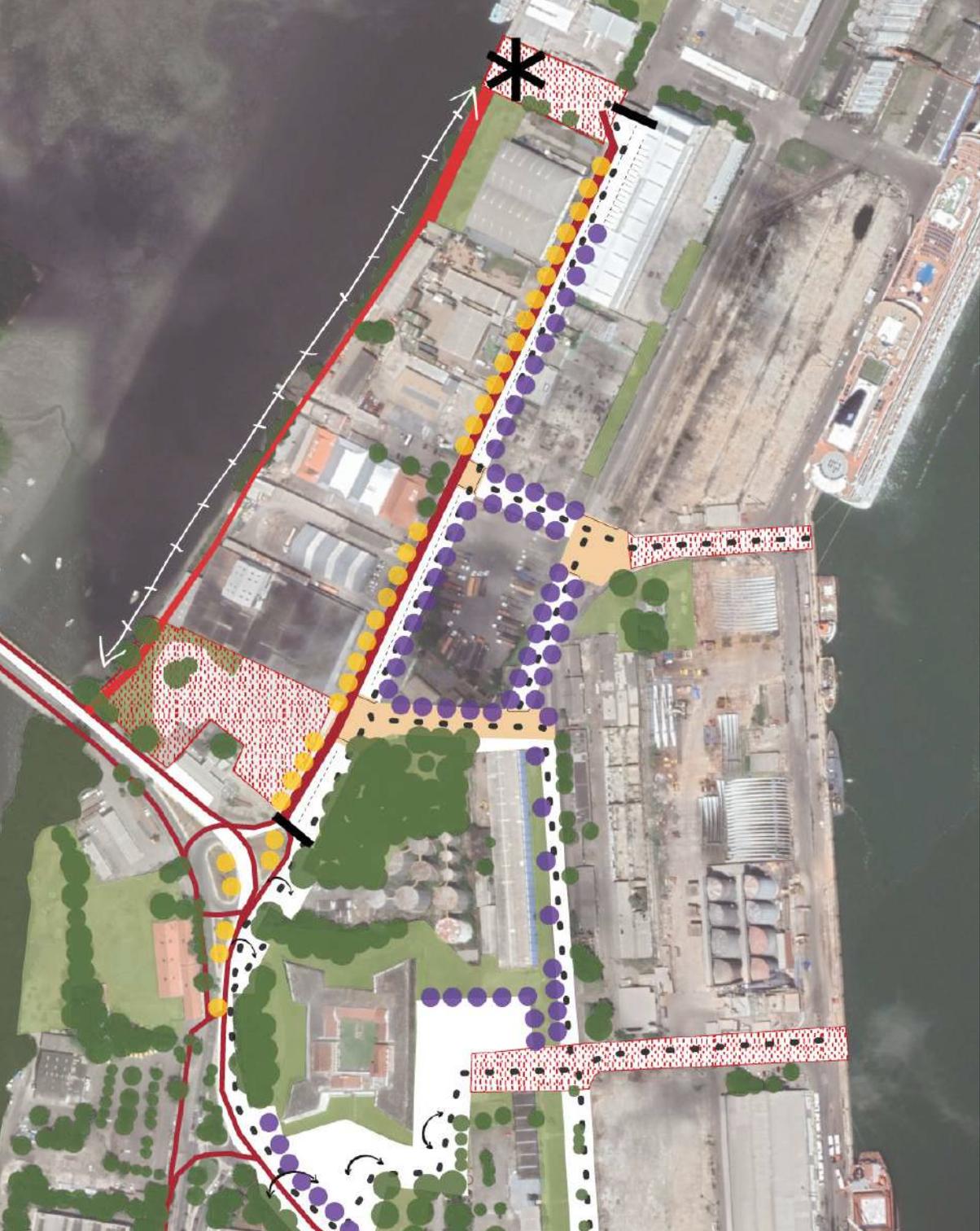


[18] Mapa de diretrizes propostas.  
Fonte: Elaboração Própria, (2023)

Partindo desta possível leitura da área, o exercício conceitual tomou a forma da proposição do tratamento dos fluxos principais contidos na nova ramificação de passeios e acessos que pretende-se tecer em consonância ao sistema de espaços livres existente - identificado no mapa anterior [18] consistindo na análise e requalificação da Rua Dr. Ascânio Peixoto conectando as janelas acortinadas identificadas



[19] Mapa de diretrizes expandidas.  
Fonte: Elaboração Própria, (2023)



[20] Vista 1: Área externa próxima ao forte do Brum.  
Fonte: Foto do acervo do próprio autor, (2023)



[21] Vista 2: Acesso Rua Dr. Ascânio Peixoto  
Fonte: Elaboração Própria, (2023)



[22] Vista 3: Ponte do Limoeiro  
Fonte: Elaboração Própria, (2023)



[23] Vista 4: Panorama do entorno.  
Fonte: Elaboração Própria, (2023)



[24] Vista 5: A Cruz a partir do rio.  
Fonte: Elaboração Própria, (2023)



[25] Vista 5: A Cruz ao entardecer.  
Fonte: Elaboração Própria, (2023)



[26] Vista 6: Trecho do porto.  
Fonte: Elaboração Própria, (2023)

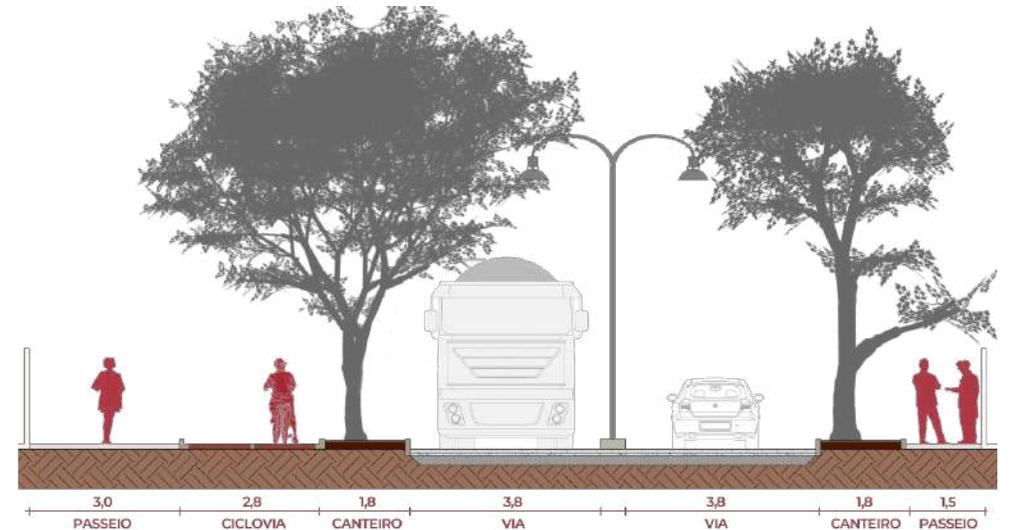


[27] Vista 7: Trecho do porto.  
Fonte: Elaboração Própria, (2023)



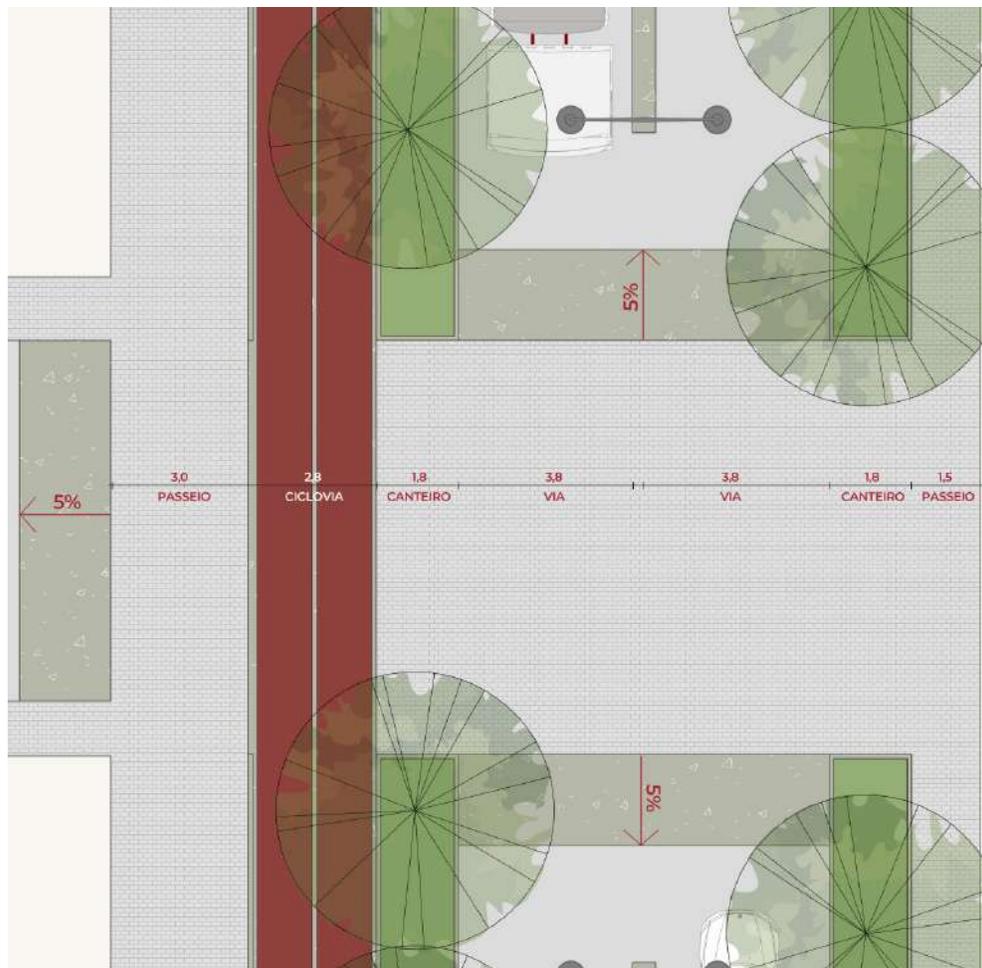
[28] Vista 8: Trecho do porto.  
Fonte: Elaboração Própria, (2023)

Objetiva-se fortalecer o principal eixo de acesso, propondo-se uma requalificação desta via, hoje com tráfego predominantemente baixo, visto que serve de uso logístico, materializado no fluxo de caminhões que escoam produtos do porto para a cidade (processo cada vez mais concentrado no Porto de Suape, ao sul do município, quando as cargas são de maior porte).

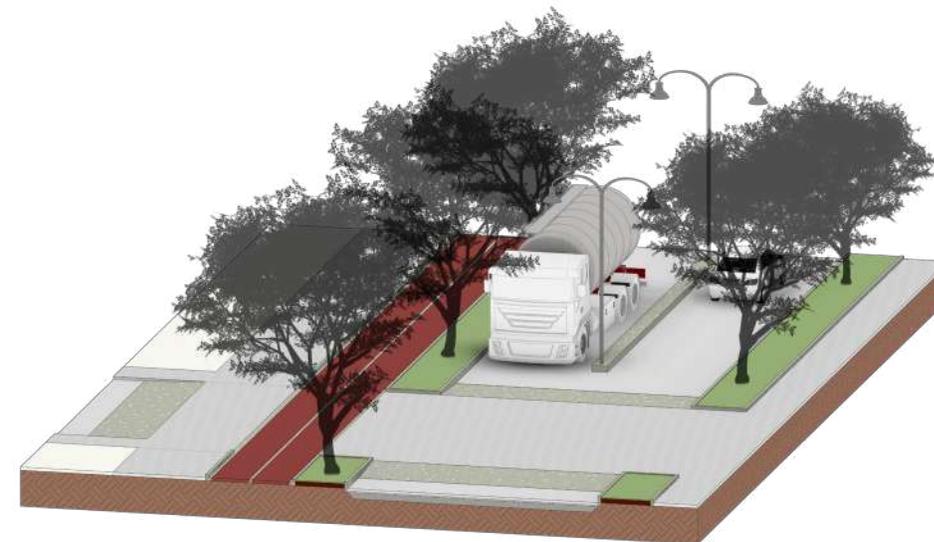


[29] Perfil de via proposto.  
Fonte: Elaboração Própria, (2024)

Uma nova dinâmica de usos e fluxos será implementada com uma proposta de conversão desta via em um largo e aprazível passeio, uma espécie de boulevard, dotado de arborização especial utilizando-se espécies arbóreas adequadas à largura da via, ao porte dos veículos presentes na atividade portuária e dos galpões e silos existentes.



[30] Planta baixa da via proposta.  
Fonte: Elaboração Própria, (2024)



[31] Vista isométrica da via proposta.  
Fonte: Elaboração Própria, (2024)

Unido ao novo tipo de perfil da via, agenciou-se o prolongamento das ciclovias existentes para que estas adentrem este território e conectem essas vistas descortinadas ao circuito de passeios que ocorre especialmente aos domingos, quando a ilha torna-se destino de toda a cidade e há uma efervescência singular de usos eventuais. Por fim, junto aos dispositivos anteriormente citados ensaiou-se a possibilidade da implantação de pisos levemente elevados ao nível da calçada, onde há vias perpendiculares ao acesso principal aqui abordado, com a intenção de marcar a irradiação deste ao bairro como um todo intrincado.

### 3.2 Referências projetuais

A partir do exercício conceitual apresentado anteriormente, e com o objetivo de dar suporte a um estudo de concepção focado no tratamento do entorno imediato do objeto de estudo à luz da compreensão da porta da paisagem como projeto e da dimensão inter-relacionada dos sistemas de espaços livres abordados, buscou-se levantar referências projetuais que despertem provocações relacionadas aos obstáculos e temáticas presentes no exercício de pensar a Cruz do Patrão como parque e cais.

## Museu Brasileiro da Escultura (1995), São Paulo (SP)

### Espelho d'água como elemento conector

O edifício do Mube, projeto arquitetônico de paulo mendes da rocha e paisagístico de Roberto Burle Marx, se insere como uma referência projetual pela forma que materializa seus acessos em relação ao grande volume único edificado.

Com o objetivo de promover o protagonismo da grande “caixa portante” o espaço se materializa através do partido projetual de, segundo o arquiteto, valorizar visuais e percursos voltados aos espaços interiores comuns, através de uma praça com um marco, onde esta mesma consiste no museu, alojado no subsolo, parte dos volume secundários mais discretos que conformam o grande átrio responsável por suavizar a transição vertical entre os três planos principais do complexo. Em destaque aqui, mais que o edifício em si, está a forma como este dialoga com a cidade, buscando colocar-se como território comum a trama do bairro de Pinheiros. Em busca deste objetivo, promove em sua entrada sul uma relação de destaque ao monumento outono silencioso (Arcangelo Ianelli, 2003) materializada no espelho d'água que torna-se um limiar entre a rua e o espaço aberto da grande praça apoteótica do edifício que em si também assume papel de escultura [34].



[32] Acesso sul do MuBE  
Fonte: Acervo pessoal, (2024)



[33] Acesso sul e oeste do MuBE  
Fonte: Acervo pessoal, (2024)



[34] Monumento outono silencioso  
Fonte: Acervo pessoal, (2024)

### FDR Four Freedoms Park (2012), Nova Iorque (EUA) / Topografia como moldura

O parque em homenagem ao legado do presidente Franklin D. Roosevelt, especialmente ao discurso referenciado em seu nome, localiza-se na península leste da ilha homônima em Nova Iorque. Projetado por Louis Khan em 1974 e construído em 2012, é trazido aqui como referência pela forma que, por meio da topografia, enfatiza um percurso memorial que conforma e afunila o espaço do parque como a apoteose de um passeio topográfico. Através desta linguagem, a espacialidade assume um aspecto de reinvenção de um templo ancestral. No recinto que pontua o final da intervenção, uma janela se abre em diálogo formal à paisagem da ilha de Manhattan.



[35] Entrada do memorial e aproximação do recinto final.

Fonte: Paul Warchol, (2012)

### IJsselkade in Zutphen (2018), Zutphen (Holanda) / Recuperação do Cais

A requalificação da margem do rio Issel em Zutphen, na Holanda, desenvolvido pelo escritório HOSPER, é abordada aqui como referência pelo seu caráter de reintrodução das vistas de um cais histórico a um passeio que corta a cidade. O complexo de fortificações da antiga cidade murada foi integrado ao sistema de gerenciamento de cheias, como parte dos elementos de represa, conectando as frentes d'água de IJsselkade (cais do Issel, tradução livre do autor) a passeios advindos da cidade, através de platôs gramados que referenciam as edificações que constituem o conjunto, promovendo a partir deste grande cais uma vista desimpedida do rio.



[36] Vistas do Cais

Fonte: HOSPER, (2024)

## Lagoa do Abaeté (1993), Salvador (Bahia) / Abraçar o vazio

A obra de Rosa Grena Kliass exerce profunda influência sobre este trabalho, onde aspectos de diversos projetos estão diluídos no caminho tomado em busca de pensar a paisagem como projeto. Com destaque, é abordado aqui o esforço de restauro da lagoa do Abaeté, onde Rosa e Luciano Fiaschi tomam como partido a recuperação das características naturais do sítio. Lidando com esta poética do vazio, o parque se integra à comunidade e a fluxos externos, promovendo a vivência da lagoa enfatizando sua histórica relação com as lavadeiras, materializada numa galeria dedicada a esta prática e a inter relação desta com a água.



[37] Vistas do parque.

Fonte: A acervo pessoal Rosa Kliass.

## CAPÍTULO IV DESCORTINAR O PASSADO: CAIS DA MEMÓRIA

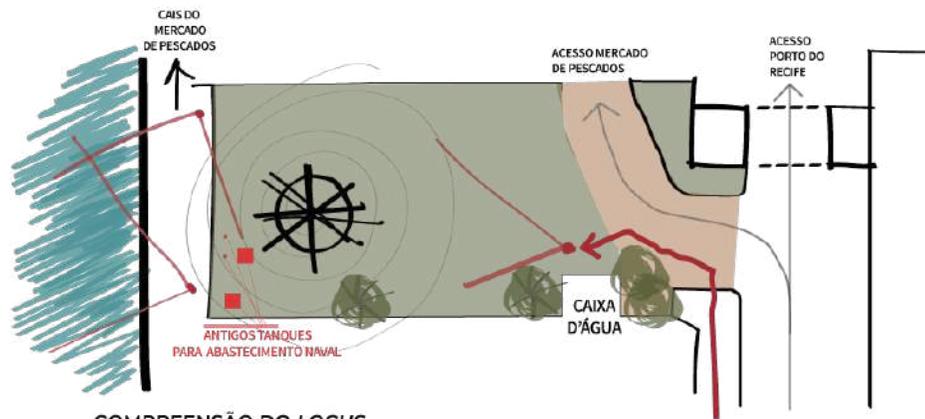
A partir das considerações abordadas, o projeto apresentado a seguir, objetivo deste Trabalho de Conclusão de Curso, se debruça sobre a possibilidade de compreender o espírito do lugar influenciado pela Cruz do Patrão, com o intuito de atravessá-la, descortiná-la, por meio do exercício de paisagem como projeto.

A área atualmente encontra-se sem limites físicos claros, consistindo em um terreno descampado, onde na entrada há uma porção em terra batida usada como estacionamento e acesso a empresa de pescados que opera no lote ao norte. No limite sul, da entrada se observa uma torre d'água, e alguns passos adiante, vê-se a Cruz, com o rio Beberibe e o manguezal ao fundo. Ao aproximar-se do monumento, vê-se vestígios da demolição de uma edificação, e antigas bombas e poços de abastecimento naval.

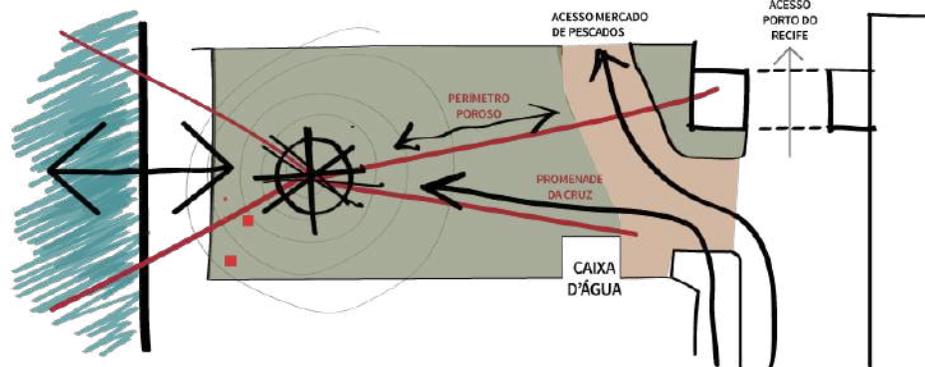


[38] Levantamento aerofotogramétrico

Fonte: Elaboração Própria, 2024.



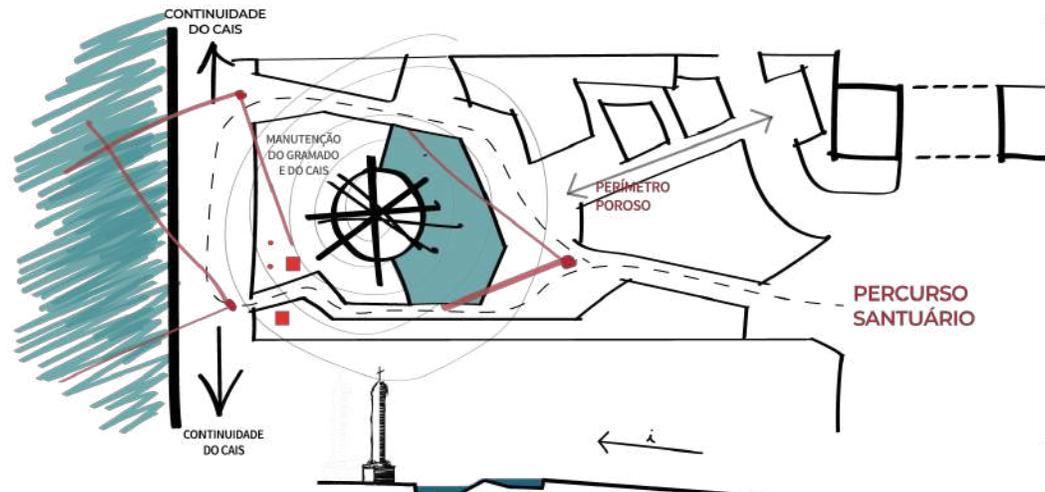
COMPREENSÃO DO LOCUS



CONCEITO / PARTIDO



CONCEITO / PARTIDO



CONCEITO / PARTIDO



SETORIZAÇÃO / VEGETAÇÃO

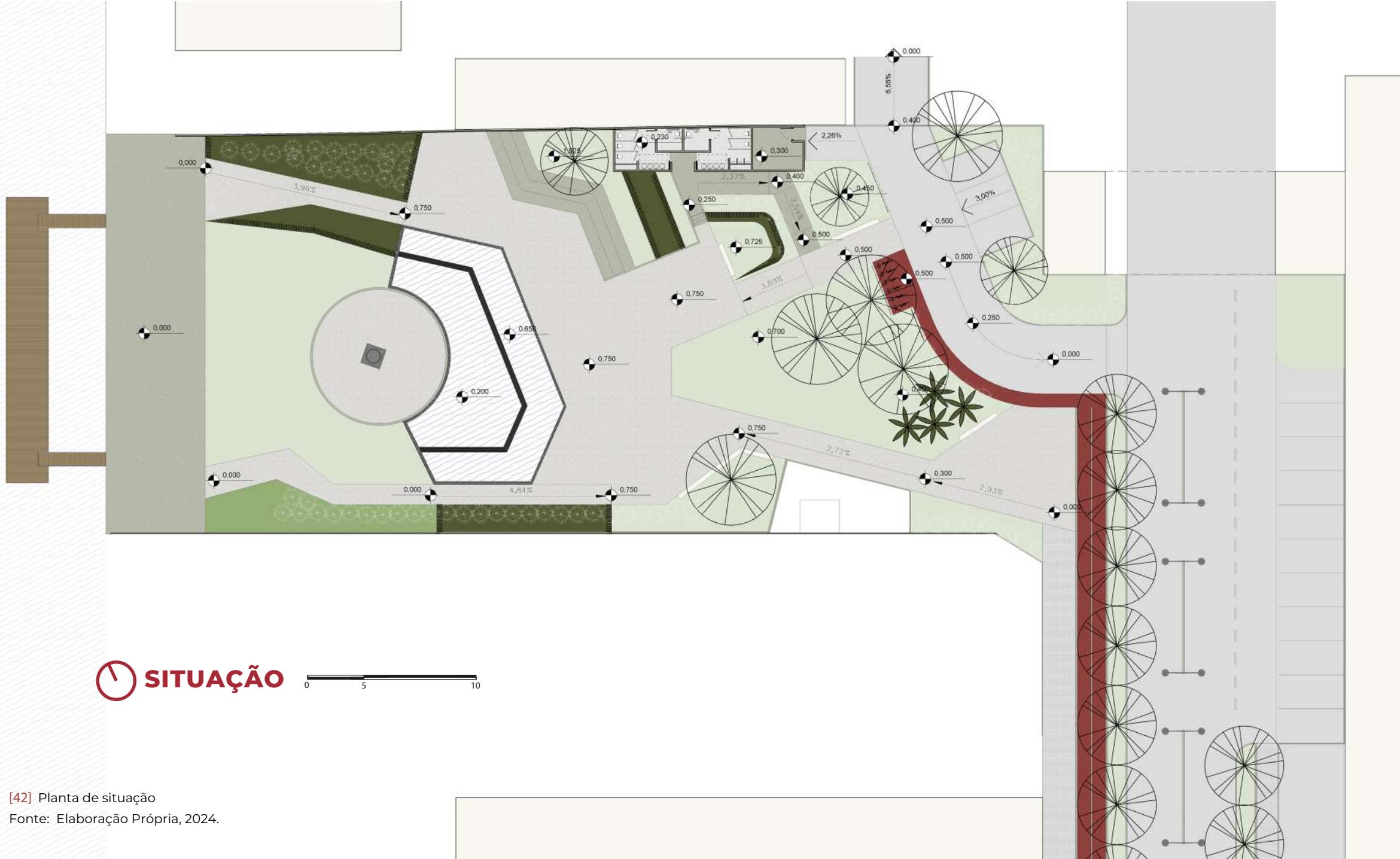
Assim, toma-se como partido a relação histórica da Cruz do Patrão com as antigas margens no Rio Beberibe e do mar, em consonância com a necessidade de reintegrar o monumento ao circuito cultural do bairro do Recife. Através de novos passeios internos à ilha que se direcionam ao espaço tratado, faz-se a conexão espacial, propõe-se, portanto, uma leitura deste, tanto como parque memorial, conformado por meio das vistas da Cruz a partir do acesso leste pela av. Dr. Ascânio Peixoto, quanto como cais, conformado pela faixa existente de concreto que se estende pela margem oeste desde a ponte do limoeiro até o canal que conforma o território. .

Para tanto, tendo em vista as referências projetuais mencionadas anteriormente, considerou-se a linha de força da chegada no terreno em relação ao monumento como um possível promenade da vista da Cruz, sobreposta ao rio e ao bairro de Santo Amaro ao fundo, especialmente ao pôr do sol, que conforme constatado em visitas se encerra sob o horizonte da cidade.

Em busca de resgatar a memória da localização original da Cruz, propõe-se a reintrodução da água como elemento condutor da paisagem, enfatizando a cruz novamente entre águas, como ponto focal principal de um circuito / santuário integrado ao sistema de espaços livres da ilha, materializando-se como cais que coroa a porta do mar, a partir da vocação de observatório do entardecer que finda um passeio que prolonga-se das as pontes, ao marco zero, até à Cruz.

[41] Perspectiva conceitual  
Fonte: Elaboração Própria, 2024.





**SITUAÇÃO**



[42] Planta de situação  
Fonte: Elaboração Própria, 2024.

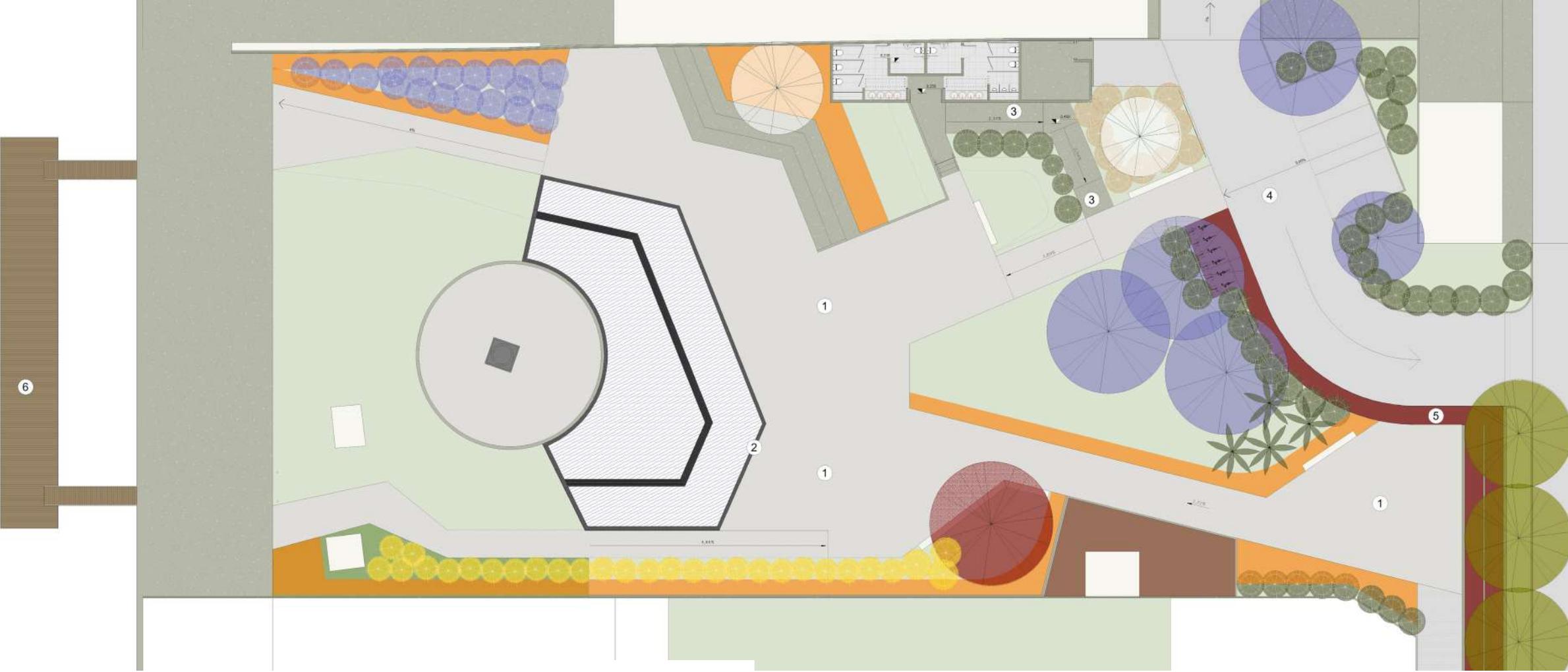


**PLANTA BAIXA**



- |                               |                               |
|-------------------------------|-------------------------------|
| 01 - CHEGADA                  | 01 - CHEGADA                  |
| 02 - PROMENADE DA CRUZ        | 02 - PROMENADE DA CRUZ        |
| 03 - CAIXA D'ÁGUA             | 03 - CAIXA D'ÁGUA             |
| 04 - RECINTO                  | 04 - RECINTO                  |
| 05 - ACESSO AO NÍVEL INFERIOR | 05 - ACESSO AO NÍVEL INFERIOR |
| 06 - GRAMADO                  | 06 - GRAMADO                  |
| 07 - PRAÇA CENTRAL            | 07 - PRAÇA CENTRAL            |
| 08 - ESPELHO D'ÁGUA           | 08 - ESPELHO D'ÁGUA           |
| 09 - ARQUIBANCADA             | 09 - ARQUIBANCADA             |
| 10 - ESCADA PARA O BWC        | 10 - ESCADA PARA O BWC        |
| 11 - BWC                      | 11 - BWC                      |

[43] Planta baixa  
 Fonte: Elaboração Própria, 2024.



## VEGETAÇÃO E MATERIAIS



PAU FERRO <i>Libidibia Ferrea</i>	BECO PARDO <i>Piper arboreum Aubl.</i>
IPÊ ROXO <i>Handroanthus impetiginosus (Mart. ex DC.) Mattoz.</i>	CHANANA <i>Turnera subulata Sm.</i>
CEREJEIRA <i>Amburana cearensis (Allemão) A. C. Sm.</i>	MARACUJÁ DO MATO <i>Passiflora cincinnata Mast.</i>
UNHA DE VACA <i>Bauhinia forficata</i>	CORDA DE VIOLA <i>Ipomoea purpurea (L.) Roth</i>
PALMEIRA MACAÍBA <i>Acrocomia intumescens Drude</i>	PAQUEVIRA <i>Heliconia psittacorum L.</i>

1 MOSAICO DE PEDRA PORTUGUESA BRANCA	4 PAVER DE CONCRETO INTERTRAVADO
2 MOSAICO DE PEDRA PORTUGUESA PRETA	5 CONCRETO PIGMENTADO COR TERRACOTA
3 CONCRETO COM TEXTURA FINA CAMURÇADA	6 RÉGUA DE MADEIRA CUMARU

[44] Planta de vegetação e materiais  
Fonte: Elaboração Própria, 2024.

## MASSA ARBÓREA

**PAU FERRO**  
*Libidibia ferrea*



FONTE: *Jardineira.net*

Família: Fabaceae

Lado direito da via (sentido porto); no jardim de acesso, próximo ao banheiro, e no estacionamento.

**IPÊ ROXO**  
*Acrocomia intumescens*  
Drude



FONTE: *Árvores do Cerrado.*

Família: Bignoniaceae

Lado direito da via (sentido porto); no jardim de acesso, próximo ao banheiro, e no estacionamento.

**UNHA DE VACA**  
*Bauhinia forficata*



FONTE: *Oficina do paisagista.*

Família: Fabaceae

No jardim ao lado do estacionamento e no jardim da arquibancada.

**CEREJEIRA**  
*Amburana cearensis* (Allemão) A. C. Sm.



FONTE: *Wikimedia commons.*

Família: Fabaceae

No jardim ao lado do estacionamento e no jardim da arquibancada.

## PALMEIRA

**PALMEIRA MACAÍBA**  
*Acrocomia intumescens*  
Drude



FONTE: *Jardineira.net*

Família: Areaceae

Marcando o acesso no jardim de chegada.

## MATERIAIS

**MOSAICO DE PEDRA PORTUGUESA BRANCA**



FONTE: *Acervo do autor.*

Eixo principal e ao longo dos passeios do parque.

**MOSAICO DE PEDRA PORTUGUESA PRETA**



FONTE: *Acervo do autor.*

Bordas e fundo do espelho d'água.

**FILETE DE PEDRA FERRO PRETA**



FONTE: *Repedras*

Elemento Chadar e paredes externas do espelho d'água.

**CONCRETO COM TEXTURA FINA CAMURÇADA**



SEM PIGMENTO

FONTE: *Archdaily.*

Caminhos de acesso ao módulo do banheiro e DML.

**CONCRETO COM TEXTURA FINA CAMURÇADA**



PIGMENTO TERRACOTA

FONTE: *Archdaily.*

Ciclovia que adentra o parque.

## ARBUSTOS / ERVAS / LIANAS

**BECO PARDO**  
*Piper arboreum*  
Aubl.



FONTE: *Plantnet.*

Família: Piperaceae

Canteiros de entrada; ao longo do estacionamento; no jardim adjacente ao BWC.

**CHANANA**  
*Turnera subulata*  
Sm.



FONTE: *Wikimedia commons.*

Família: Turneraceae

Jardim próximo ao estacionamento.

**CORDAS DE VIOLA**  
*Ipomoea purpurea* (L.) Roth



FONTE: *Aegro.*

Família: Convolvulaceae

Jardim lateral em direção ao rio, norte.

**MARACUJÁ DO MATO**  
*Passiflora cincinnata* Mast.



FONTE: *Planeta semente.*

Família: Passifloraceae

Jardim lateral em direção ao rio, sul.

**PAQUEVIRA**  
*Heliconia pittacorum* L.



FONTE: *Jardim São Pedro.*

Família: Heliconiaceae

Vegetação estruturante do projeto; eixo principal da cruz; arquibancada; jardins laterais em direção ao rio.

**PAVER DE CONCRETO INTERTRAVADO**



FONTE: *Archdaily.*

Estacionamento.

**RÉGUAS DE MADEIRA CUMARÚ**



FONTE: *Acervo do autor.*

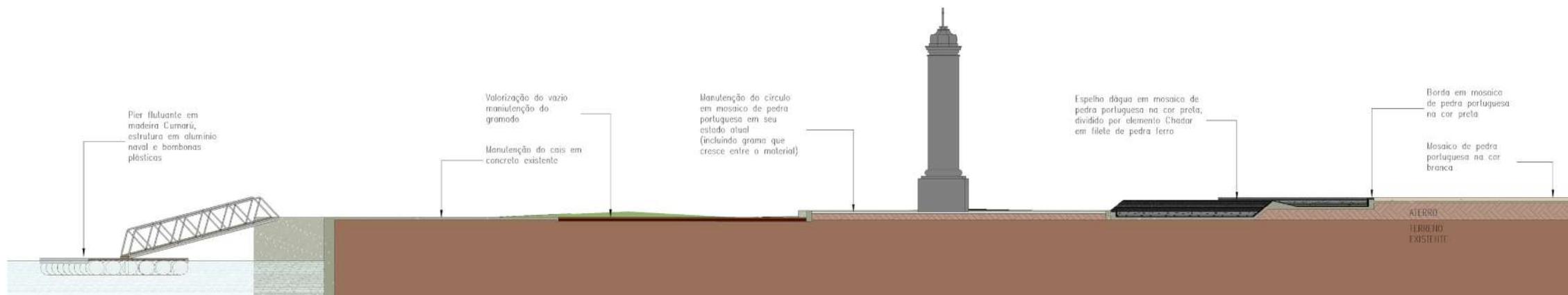
Deque flutuante.

[45] Quadro de vegetação

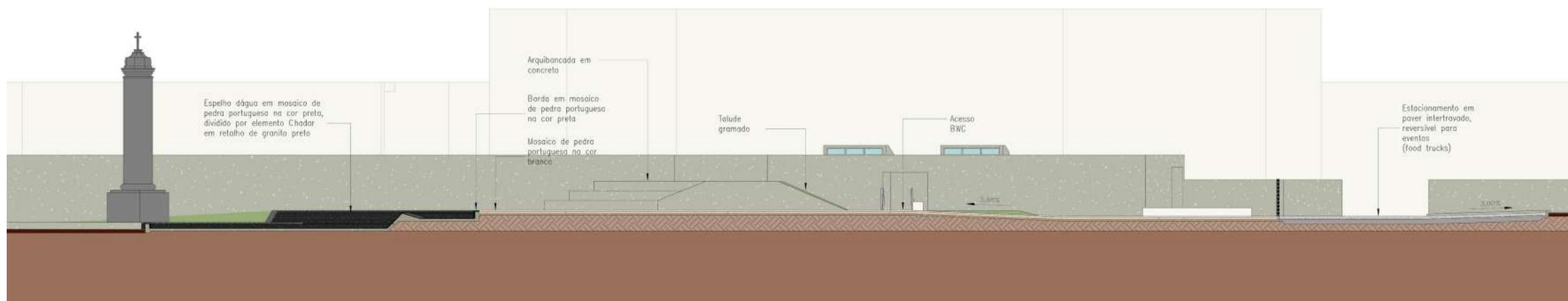
Fonte: Elaboração Própria, 2024.

[46] Quadro de materiais

Fonte: Elaboração Própria, 2024.



[47] CORTE A  
ESCALA LIVRE



[48] CORTE B  
ESCALA LIVRE

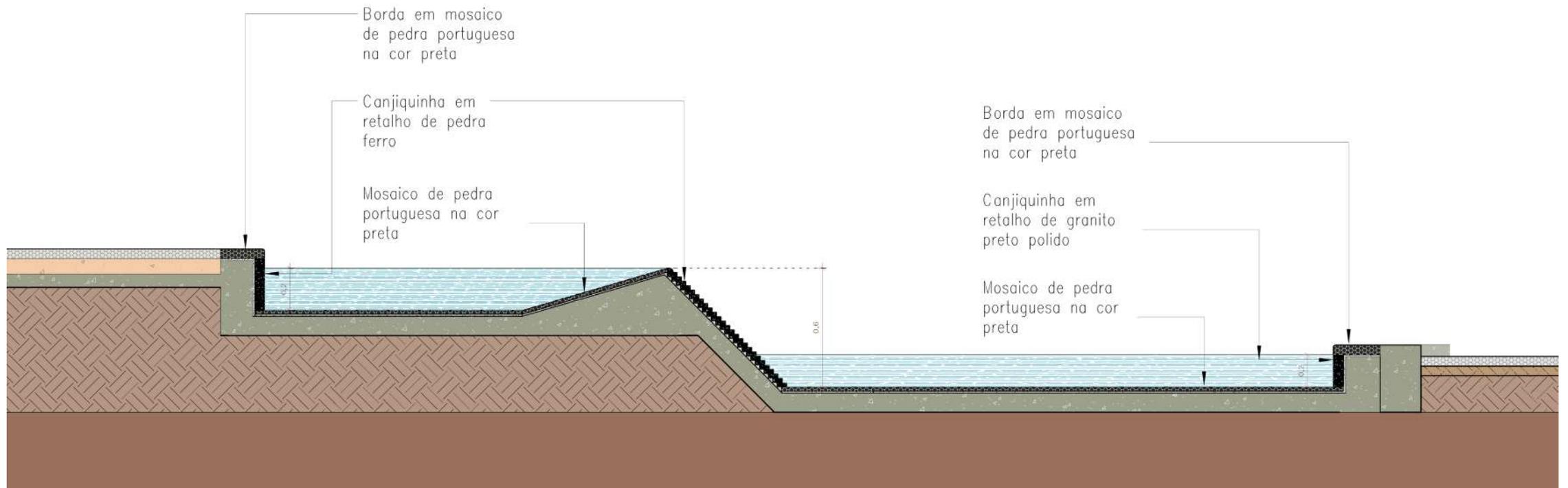
[50] Referência conceitual:

Elemento Chadar, que consiste em uma cascata terraceada, conformando inclinação que procura maximizar a reflexão do sol.

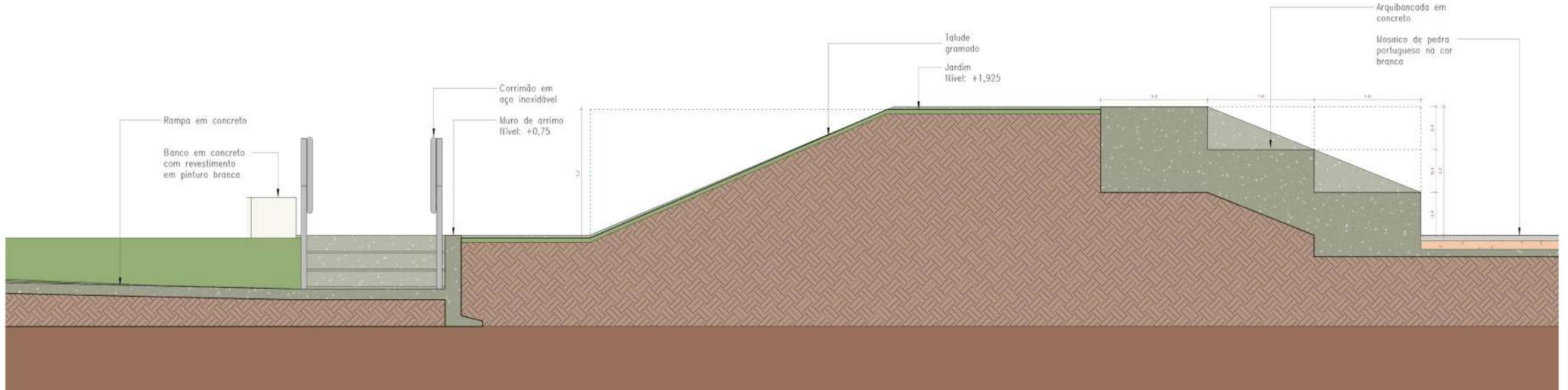
Presente no paisagismo islâmico e aperfeiçoado durante o império Mughal.

Chadar em Nishat Bagh, na Cachemira

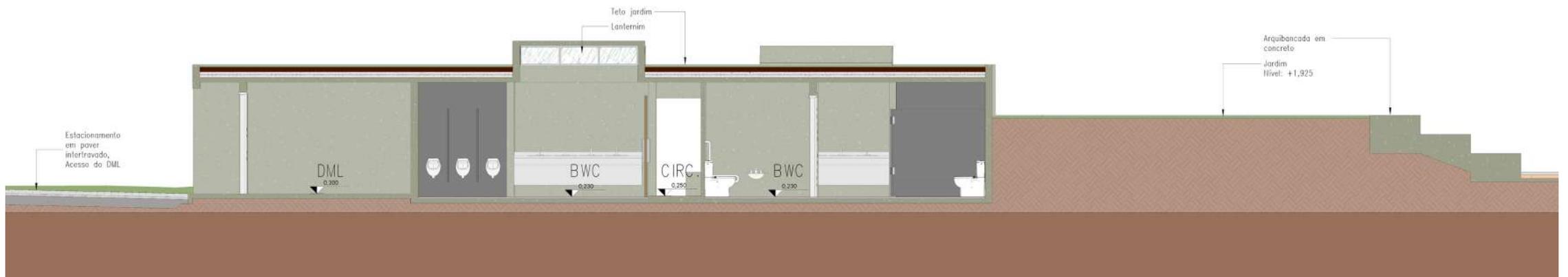
Fonte: The Water Garden: Style, Designs and Visions George Plumtre (1993)



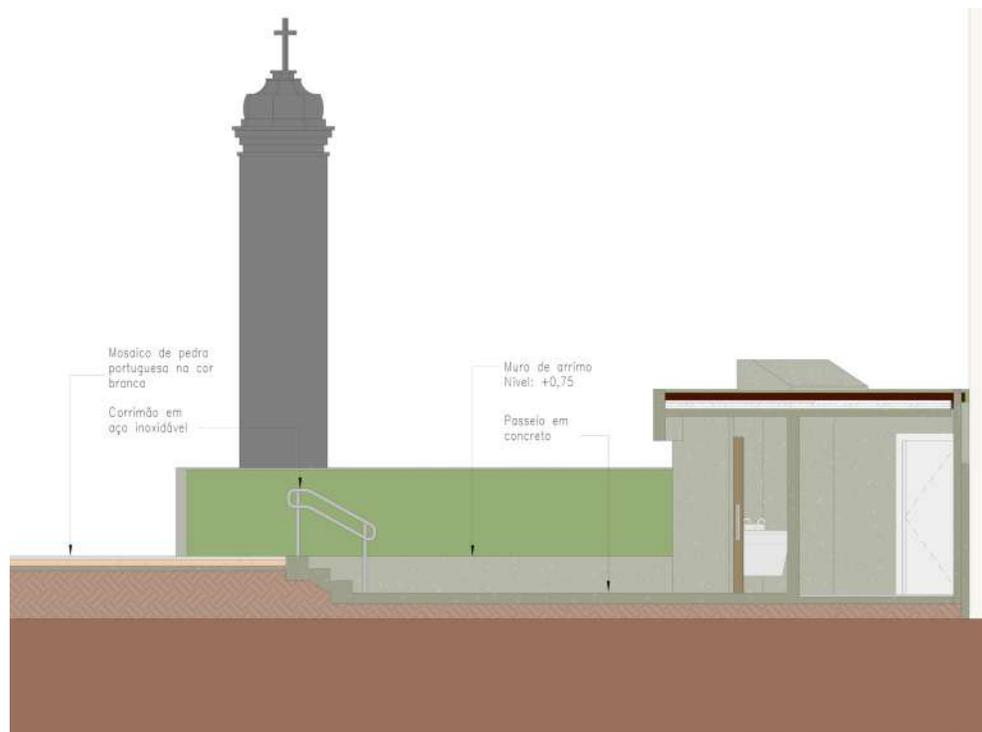
[49] CORTE C  
ESCALA LIVRE



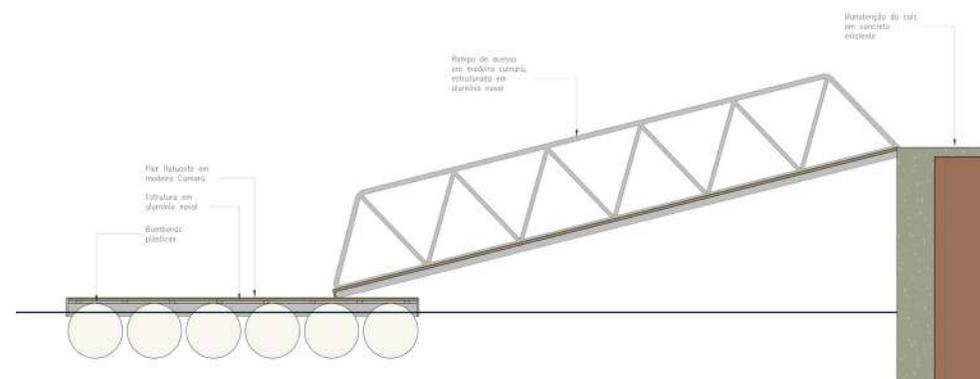
[51] CORTE D  
ESCALA LIVRE



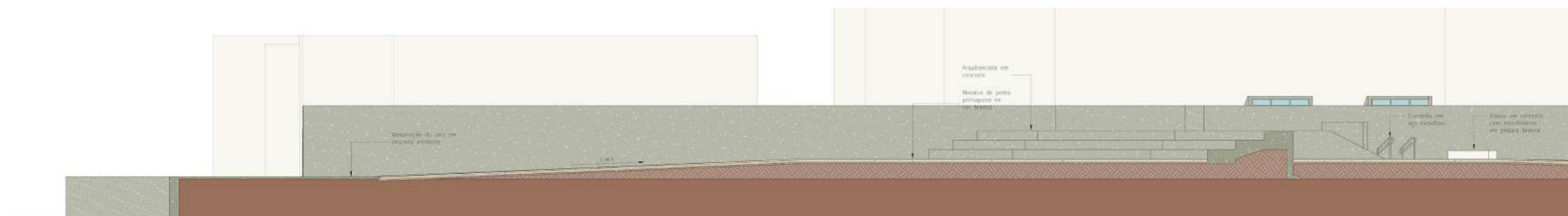
[52] CORTE D  
ESCALA LIVRE



[53] CORTE F  
ESCALA LIVRE



[55] CORTE I  
ESCALA LIVRE



[54] CORTE G  
ESCALA LIVRE



[56] Perspectiva

Fonte: Elaboração Própria, 2024.

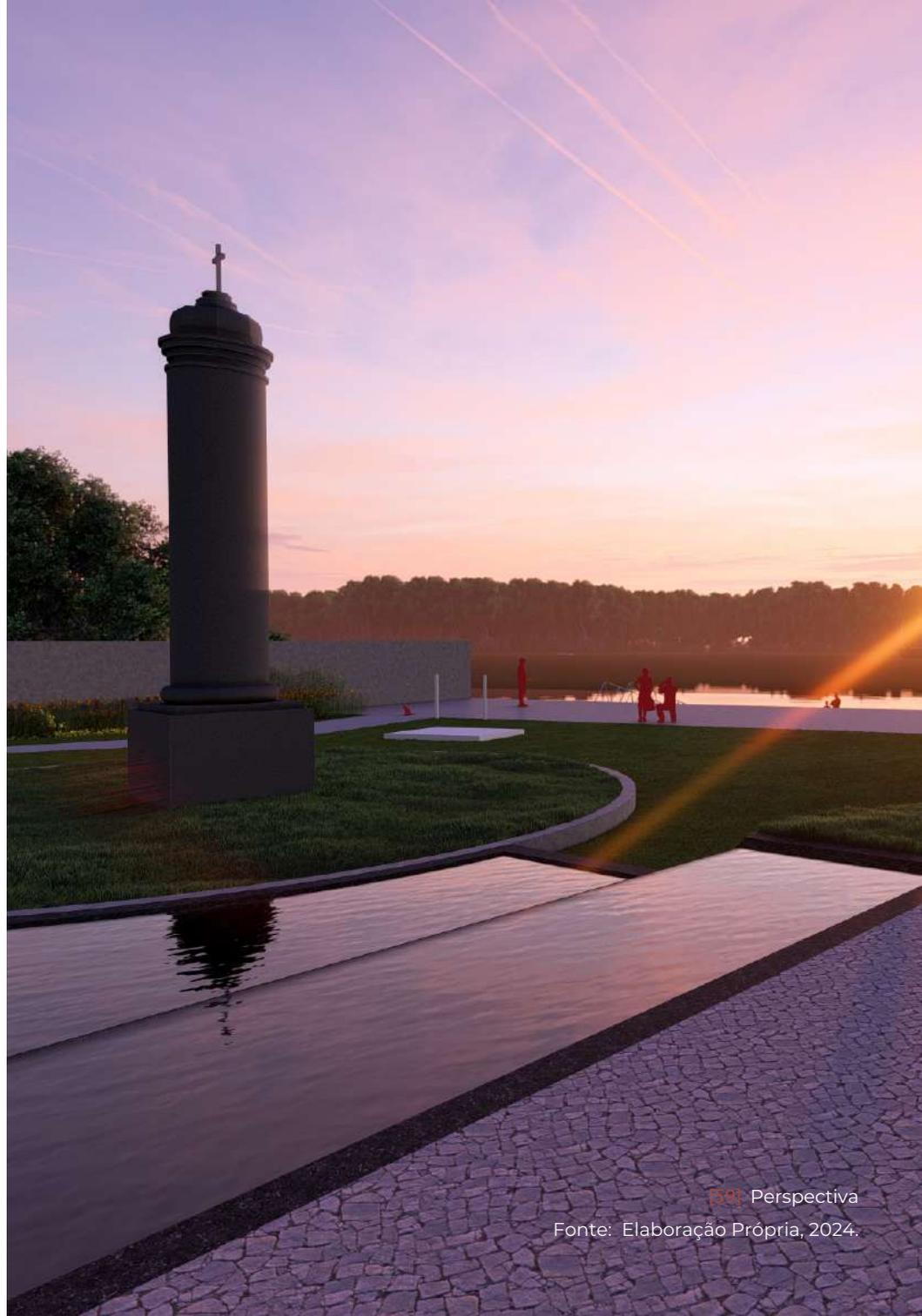


[57] Perspectiva

Fonte: Elaboração Própria, 2024.



[58] Perspectiva  
Fonte: Elaboração Própria, 2024.



[59] Perspectiva

Fonte: Elaboração Própria, 2024.



[60] Perspectiva

Fonte: Elaboração Própria, 2024.



[61] Perspectiva

Fonte: Elaboração Própria, 2024.



[62] Perspectiva  
Fonte: Elaboração Própria, 2024.



[63] Perspectiva  
Fonte: Elaboração Própria, 2024.



[64] Perspectiva  
Fonte: Elaboração Própria, 2024.



[65] Perspectiva  
Fonte: Elaboração Própria, 2024.



[66] Perspectiva

Fonte: Elaboração Própria, 2024.



[67] Perspectiva  
Fonte: Elaboração Própria, 2024.



[68] Perspectiva

Fonte: Elaboração Própria, 2024.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que habitamos  
torna-se  
o nosso modo de caminhar.  
Sinto nas pernas  
o músculo de um sol  
vago e precário,  
a tarefa de subtrair  
ao mundo  
o duro lugar que foi

Vasco Gato

Deambular pela teoria como pelo espaço, esse foi o *modus operandi* que me guiou no exercício teórico, histórico, reflexivo e propositivo que foi esse trabalho. Trata-se de um dos primeiros projetos paisagísticos que apresento que, ainda na trajetória formativa, permitiram que eu condensasse elementos que considero fundamentais para meu exercício como arquiteto, urbanista e paisagista. Pensar a cidade me move à ação e isso devo ao conjunto de teorias e práticas as quais tive acesso, tanto em minha trajetória formativa quanto no decorrer da pesquisa que dá origem a esse trabalho.

Intervir sobre o espaço da Cruz do Patrão, como elemento agregador da parte norte do Bairro do Recife, não carrega nenhum desejo salvacionista. Ao menos essa não é a intenção. Do contrário, encaro esse como um exercício político, no sentido da intervenção sobre a paisagem como um ato social e intencionado, que carrega a visão de mundo daquele que propõe. Virar as miradas para o rio é parte da rememoração dos sentidos deste monumento às navegações. Mas, ao mesmo tempo, inspirado nas disputas pela memória coletiva do monumento, o exercício projetual nos permite imaginar outras formas de habitar esse espaço e nos relacionarmos com a própria cidade. Assim, esse projeto, mais do que uma atividade avaliativa, é parte do que constitui as dimensões éticas e estéticas do que aprendi a ser durante sua feitura.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, P. S. D. DE. O SENTIDO DA PRESERVAÇÃO DA CRUZ DO PATRÃO: RECOMENDAÇÕES PARA INTERVENÇÃO. ARCHITECTON - Revista de Arquitetura e Urbanismo, v. 3, n. 4, 2013.

BESSE, J.-M. O Gosto do Mundo. Exercícios de Paisagem. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

BOURGEOIS, L. Louise Bourgeois: Memory And Architecture. 1st edition ed. Madrid: Editorial Palacios y Museos, 2000.

CABRAL, R. C. Para Além do Monumento: Gustavo Giovannoni e as Origens da Conservação Urbana na Itália. 1. ed. São Paulo: Edusp, 2022.

CABRAL, R. C.; PONTUAL, V. Transformações do território e representações cartográficas: o Istmo de Olinda e Recife, Brasil. Trabalho completo apresentado em IV Simpósio LusoBrasileiro de Cartografia Histórica. Porto, Portugal, 9 nov. 2012. Disponível em: <<http://eventos.letras.up.pt/ivslbch/comunicacoes/14.pdf>>. Acesso em: 11 mar. 2024

CARNEIRO, A. R. S. Parque e paisagem: um olhar sobre o Recife. Recife: Editora UFPE, 2010.

CASTRO, J. DE. Fatores de localização da cidade do Recife : um ensaio de geografia urbana. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1948.

CHOAY, F. A alegoria do patrimônio. Tradução: Luciano Vieira Machado. 6. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2017.

GATO, V. Um Passo Sobre a Terra. São Paulo: Corsário Satã, 2022.

LIRA, F. B. O olhar sobre o lugar: o Istmo de Olinda e Recife na visão dos memorialistas. Em: ELANE RIBEIRO PEIXOTO et al. (Eds.). Tempos e Escalas da

Cidade e do Urbanismo. XIII Seminário de História da Cidade e do Urbanismo. Brasília: Editora FAU–UnB, 2014.

MENEZES, J. L. DA M. Atlas histórico cartográfico do Recife. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1988.

MONTEIRO, C. M. G.; VIEIRA FILHO, L. G.; MONTEZUMA, R. (EDS.). PARQUE CAPIBARIBE: A REINVENÇÃO DO RECIFE CIDADE PARQUE. Recife: Cepe Editora, 2022. v. 2

OLIVEIRA, V. DE. Geologia da planície do Recife: contribuição ao seu estudo. Recife: Oficinas Gráficas do Jornal do Commercio, 1942.

RABELLO, E. A Cruz do Patrão. Folclore, 1978.

RAMOS, A. C. T. Além dos mortos da Cruz do Patrão simbolismo e tradição no uso do espaço no Recife. CLIO – Arqueológica, v. 23, n. 2, 2008.

SÁ CARNEIRO, A. R.; MESQUITA, L. DE B. Espaços Livres do Recife. Recife: Prefeitura da Cidade do Recife/Universidade Federal de Pernambuco, 2000.

SILVA, A. K. DE O. AB'SÁBER, AZIZ NACIB. OS DOMÍNIOS DE NATUREZA NO BRASIL: POTENCIALIDADES PAISAGÍSTICAS. SÃO PAULO: ATELIÊ EDITORIAL, 2003. Revista de Geografia, v. 29, n. 1, p. 252–258, 3 abr. 2012.

TARDIN, R. Espaços Livres. Sistema e Projeto Territorial. 2a edição ed. Rio de Janeiro: Rio Books, 2016.

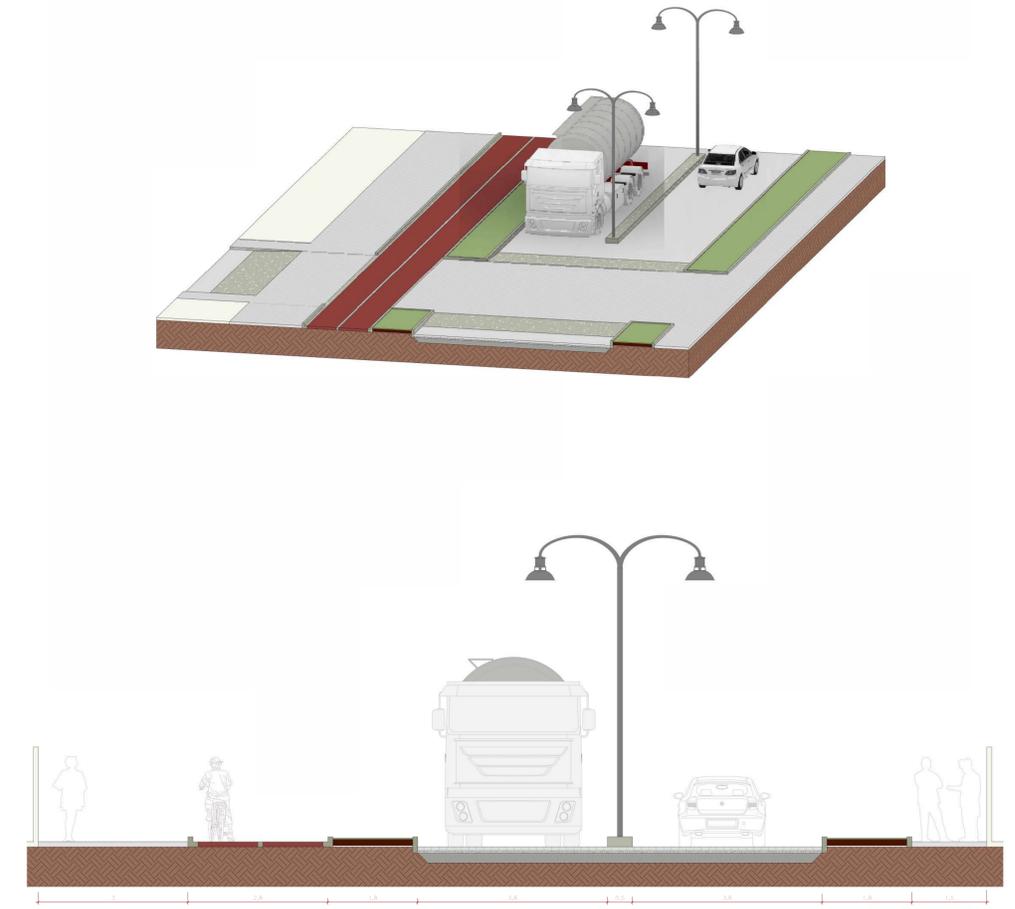
VERAS, L. M. S. C. Sob um parque, pulsa um rio: caminhos da memória de um Projeto de Paisagem para o Capibaribe. Patrimônio e Memória, v. 14, n. 1, p. 69–88, 2018.

VIEIRA, N. M. Gestão de sítios históricos: a transformação dos valores culturais e econômicos nas fases de formulação e implementação de programas de revitalização em áreas históricas. Tese de Doutorado—Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2006.

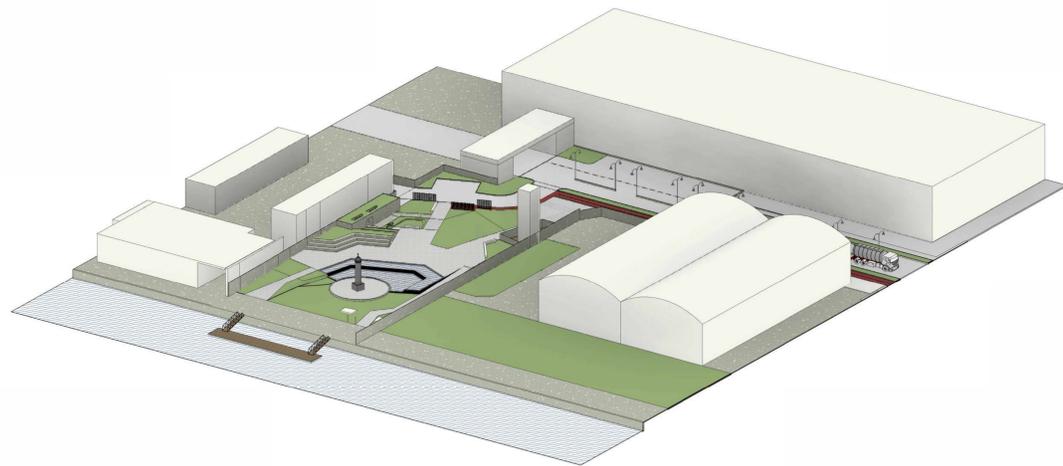
VIEIRA, N. M.; ET AL. PODER LOCAL E PROPRIETÁRIOS: disputas pela (não) preservação do Patrimônio. Trabalho completo apresentado em ARQUIMEMÓRIA - 3o Encontro Nacional de Arquitetos sobre Preservação do Patrimônio Edificado. Salvador, 2008.



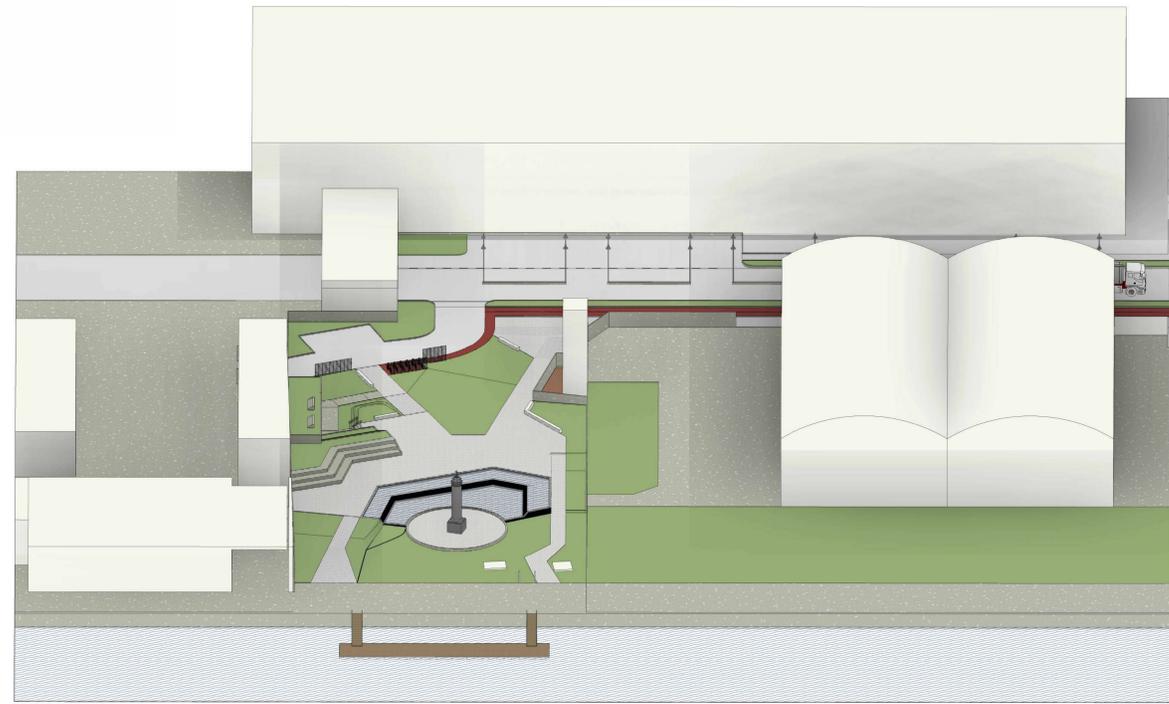
1 **PLANTA DE SITUAÇÃO**  
ESCALA - 1 : 200



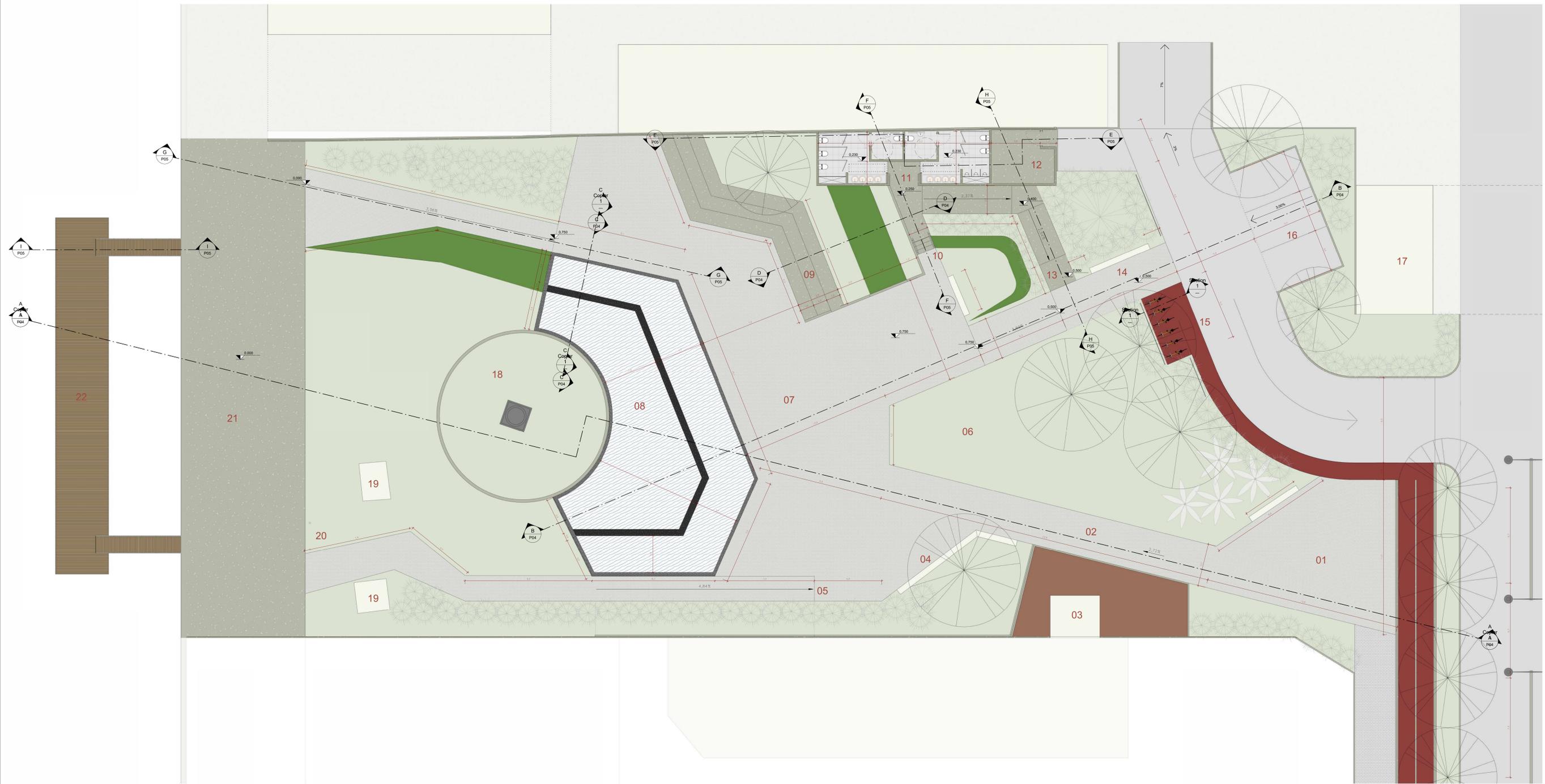
2 **CORTE - VIA DE ACESSO**  
ESCALA - 1 : 50



4 **ISOMÉTRICA - SITUAÇÃO I**  
ESCALA -

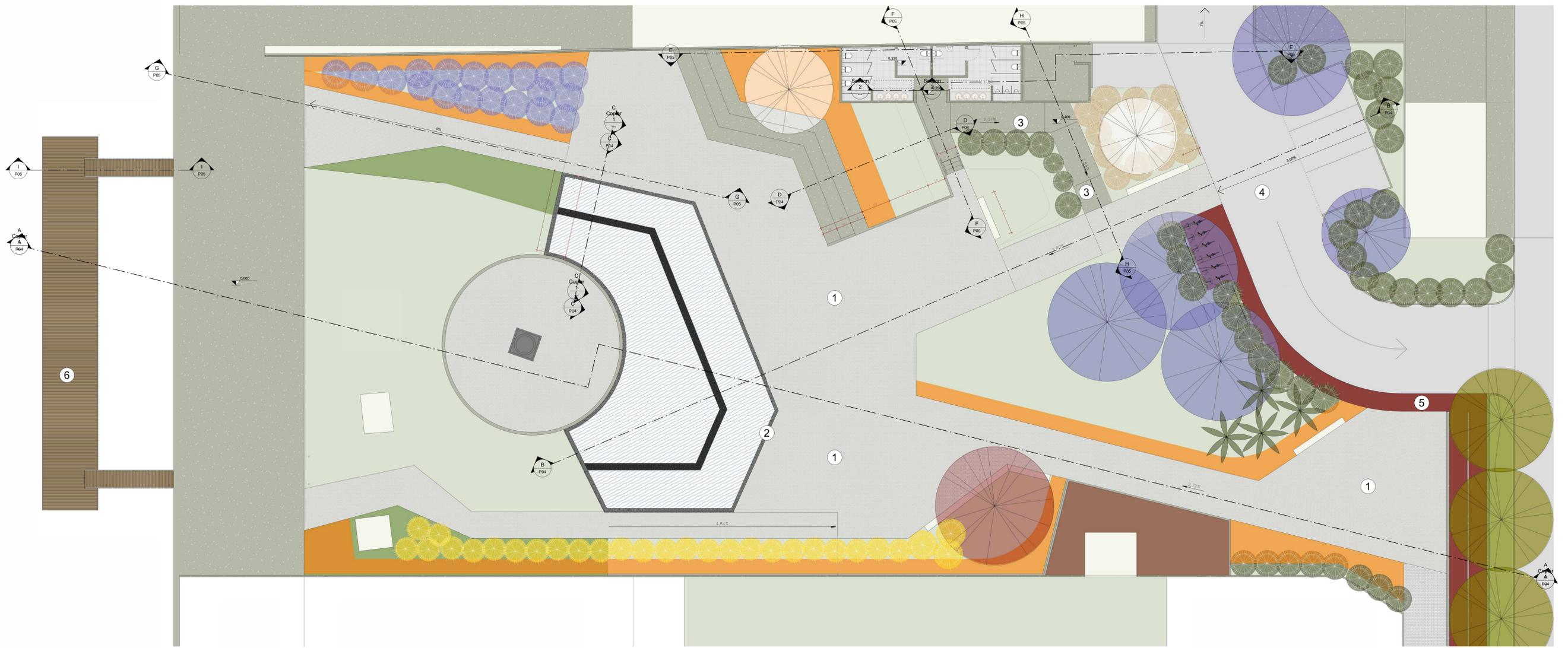


3 **ISOMÉTRICA - SITUAÇÃO II**  
ESCALA -



**1 PLANTA BAIXA**  
ESCALA - 1 : 100

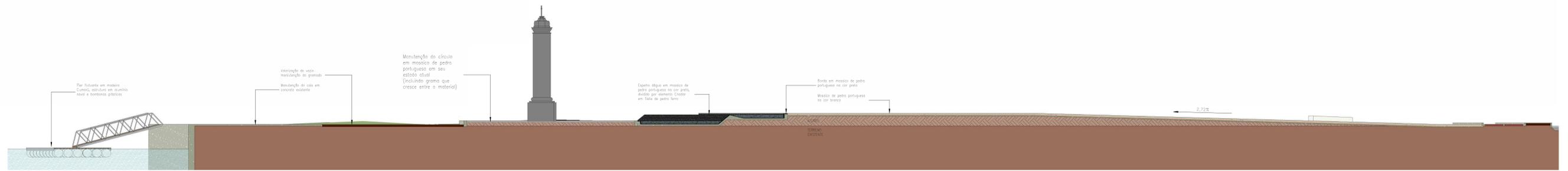
- 01 - CHEGADA
- 02 - PROMENADE DA CRUZ
- 03 - CAIXA D'ÁGUA
- 04 - RECINTO
- 05 - ACESSO AO NÍVEL INFERIOR
- 06 - GRAMADO
- 07 - PRAÇA CENTRAL
- 08 - ESPELHO D'ÁGUA
- 09 - ARQUIBANCA
- 10 - ESCADA PARA O BWC
- 11 - BWC
- 12 - DML
- 13 - RAMPA PARA O BWC
- 14 - RECINTO
- 15 - BICICLETÁRIO
- 16 - ESTACIONAMENTO
- 17 - GUARITA DO ACESSO AO PORTO
- 18 - CÍRCULO EM PEDRA PORTUGUESA EXISTENTE
- 19 - VESTÍGIOS - TANQUES DE COMBUSTÍVEL
- 20 - VESTÍGIOS - BOMBAS DE COMBUSTÍVEL
- 21 - CAIS EM CONCRETO EXISTENTE
- 22 - DEQUE FLUTUANTE



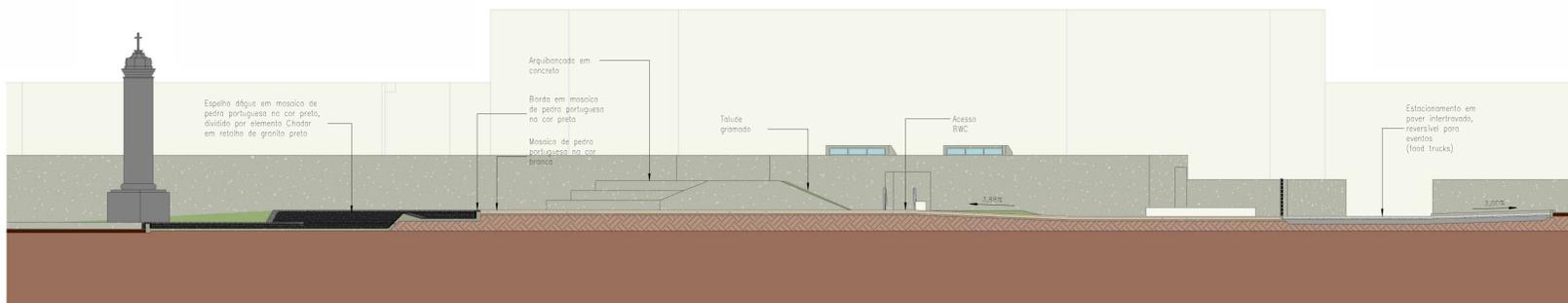
1 VEGETAÇÃO E PISOS  
ESCALA - 1 : 100

	<b>PAU FERRO</b> <i>Libidibia Ferrea</i>		<b>BECO PARDO</b> <i>Piper arboreum Aubl.</i>
	<b>IPÊ ROXO</b> <i>Handroanthus impetiginosus (Mart. ex DC.) Mattos</i>		<b>CHANANA</b> <i>Turnera subulata Sm.</i>
	<b>CEREJEIRA</b> <i>Amburana cearensis (Allemão) A. C. Sm.</i>		<b>MARACUJÁ DO MATO</b> <i>Passiflora cincinnata Mast.</i>
	<b>UNHA DE VACA</b> <i>Bauhinia forficata</i>		<b>CORDA DE VIOLA</b> <i>Ipomoea purpurea (L.) Roth</i>
	<b>PALMEIRA MACAÍBA</b> <i>Acrocomia intumescens Drude</i>		<b>PAQUEVIRA</b> <i>Heliconia psittacorum L.</i>

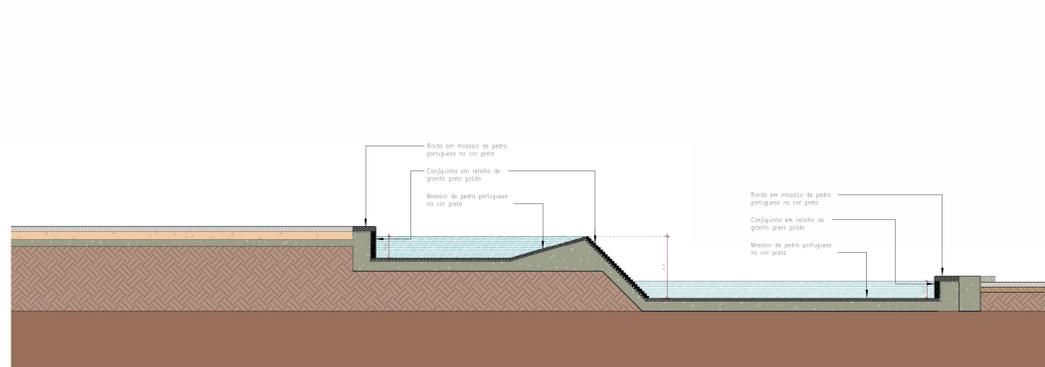
1	MOSAICO DE PEDRA PORTUGUESA BRANCA	4	PAVER DE CONCRETO INTERTRAVADO
2	MOSAICO DE PEDRA PORTUGUESA PRETA	5	CONCRETO PIGMENTADO COR TERRACOTA
3	CONCRETO COM TEXTURA FINA CAMURÇADA	6	RÉGUA DE MADEIRA CUMARÚ



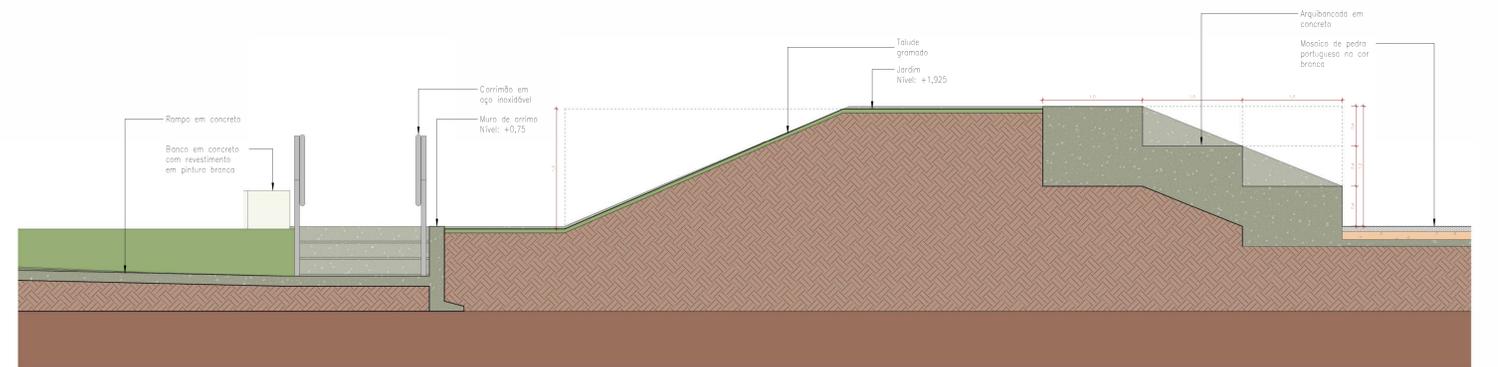
1 **A**  
ESCALA - 1 : 100



2 **B**  
ESCALA - 1 : 100



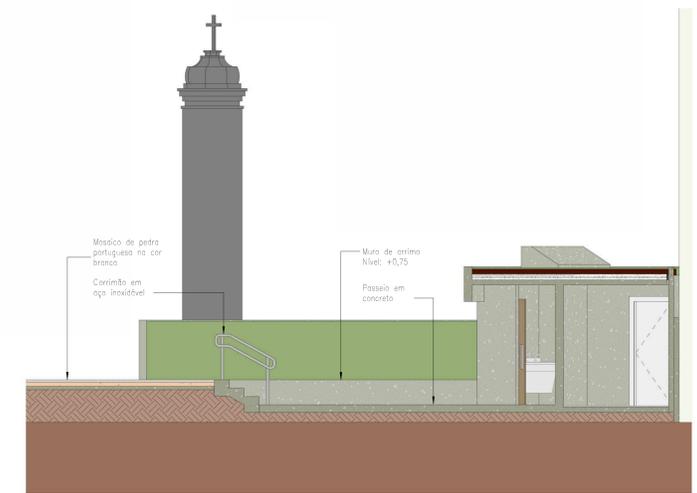
3 **CORTE C - ESPELHO D'AGUA**  
ESCALA - 1 : 25



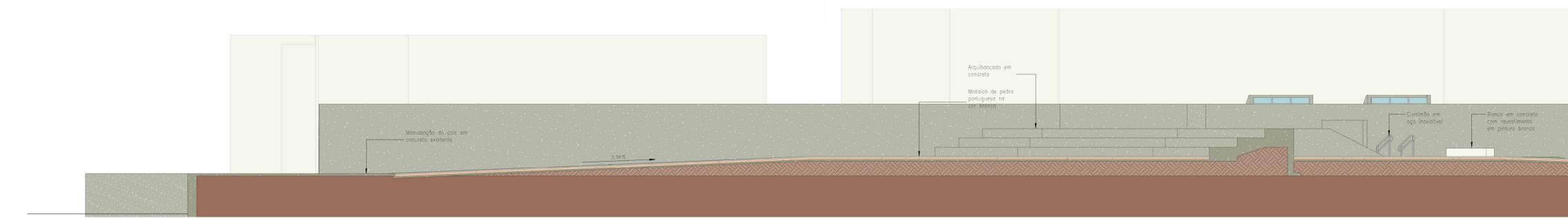
4 **CORTE D - DETALHE ARQUIBANCADA**  
ESCALA - 1 : 25



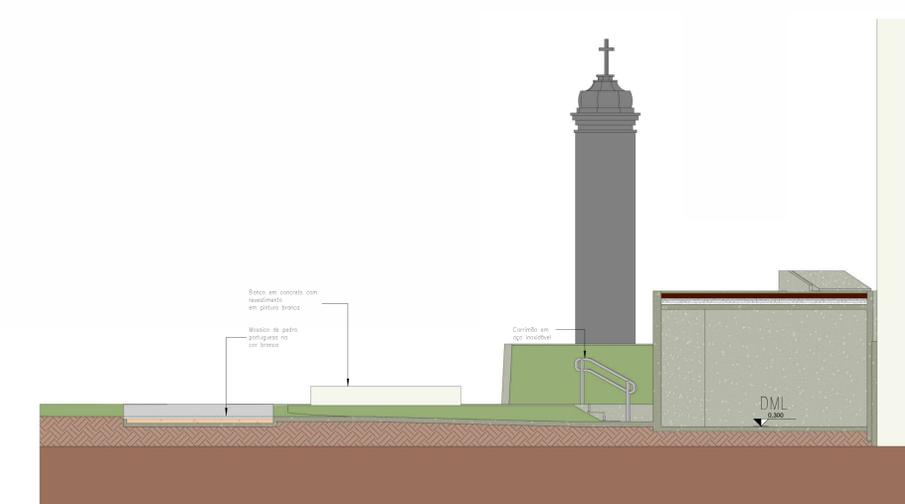
2 **E**  
ESCALA - 1 : 50



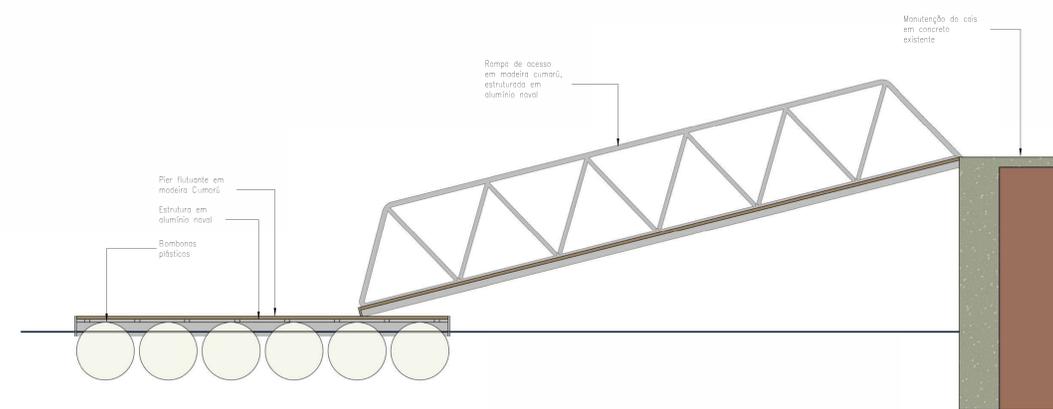
3 **F**  
ESCALA - 1 : 50



4 **G**  
ESCALA - 1 : 75



5 **H**  
ESCALA - 1 : 50



6 **CORTE I - DETALHE PIER**  
ESCALA - 1 : 25